

BOLETIM



INFO-AMEX



Edição Especial Nº 04 - Julho à Setembro | 2022



A CONTRIBUIR PARA O REJUVENESCIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS ANGOLANAS EXÉRCITO GANHA 196 NOVOS OFICIAIS

HONRA, LEALDADE E CORAGEM



NOTA DE ABERTURA

Cap. Arminda Margarida Camati Pongolola
Mestre em Comunicação Cultural e Tecnologias de Informação
Chefe da Área de Comunicação e Imagem da AMEx



SEMPRE A CUMPRIR UMA MISSÃO EXIGENTE

A nossa Academia Militar do Exército (AMEx) completou no passado dia 9 de Setembro, 13 frutíferos anos de vida e missão. O objectivo, como todos sabemos, é de formar Oficiais para o quadro permanente do Exército. Tem cumprido bem esta responsabilidade enorme e estamos felizes porque foram formados, recentemente, mais 196 Oficiais. Todos os tempos são desafiantes para as instituições de relevo numa sociedade. Por isso, a AMEx nunca pode baixar a sua prontidão combativa no que diz respeito à formação. Aqui nunca há lugar para quem cruza os braços ou não quer dar a sua vida pelo seu país. Não podemos permitir que a indiferença e o comodismo tomem conta de quantos vivem e trabalham

na Academia. Somos cidadãos responsáveis e essa é uma honra que nunca deixaremos que seja posta em causa. Estamos disponíveis e preparados para dar sempre o nosso melhor, até ao fim, até ao limite das nossas forças e aptidões. Contem sempre connosco.

A dias, recebemos uma mensagem a apelar ao compromisso e à responsabilidade. Chegou-nos em forma de fábula. Dizia: 'a formiga, com raiva da barata, votou no insecticida. E todo o mundo morreu, inclusive o grilo, que se absteve do voto!'. Acharmos uma forma original e provocadora de dizer que a nossa indiferença e preguiça podem matar-nos. É verdade, todos o sentimos. O Papa Francisco, uma referência mundial, pede a todas as pessoas que abandonem o eterno e gasto argu-

mento do 'sempre se fez assim!'. Só quando nos abrimos à novidade criativa e original de cada momento, podemos abrir de par em par as portas a um amanhã diferente e melhor.

Dalai Lama escreveu um dia que "só há dois dias no ano em que nada poder ser feito. Um chama-se ontem. O outro chama-se amanhã". Portanto, hoje é o dia certo para acreditar, amar, fazer, investigar e, principalmente, viver'. E nunca há razões para ter medo e desistir porque, como diz um velho provérbio, 'é no meio das tempestades que as árvores dançam melhor'.

Aceitemos, com determinação e coragem este desafio e convite a um compromisso com a nossa Instituição e quiçá com as FAA cada vez mais exigentes.

DEFESAS DE TRABALHOS DE FIM DE CURSO

Por: Serafim Cabita
Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)



Na foto de esquerda a direita: Tenente Cristo; Coronel Teodoro; professor Denilson Kubanza; Finalista - Ildo Queirós Gulo

De 25 à 28 de julho, decorreram as avaliações de defesa dos trabalhos de fim de curso para a obtenção do grau de licenciados dos cadetes finalistas do 5º Curso de Licenciatura em Ciências e Tecnologias Militar na Academia Militar do Exército.



Finalista -

As defesas públicas de final de curso, foram prestigiadas com a presença de uma comitiva do Comando do Exército, encabeçada por Sua Excelência Tenente-General, Simão Carlitos Wala, Chefe de Direcção de Instrução e Ensino (DIE), que permaneceu na Academia Militar por quatro (4) dias pro-

positadamente, para constatar, avaliar e testemunhar, “in loco”, os argumentos apresentados pelos dignos finalistas, resultado do acumular dos conhecimentos adquiridos durante a longa e dura formação.

No final, o Chefe de DIE, ladeado pelo Tenente-General, José Alberto Veiga, Comandante da AMEx, reuniu com o efectivo desta instituição de Ensino Superior Militar e apresentou o balanço das actividades realizadas pela comitiva chefiada por si, durante as defesas públicas. O Tenente-General, Wala, agradeceu a todos que directa e indirectamente estiveram empenhados com “tanta vontade” na preparação e materialização das avaliações de defesas, por ter sido um “sucesso absoluto”. Continuando, o responsável pela instrução e ensino do Comando do Exército, incentivou o efectivo e o corpo docente da AMEx a con-

tinuar a trabalhar e inculir nos instruendos que a Academia é um centro de obtenção de conhecimento, onde devem encarnar os valores mais elevados do patriotismo, cidadania e dos valores filosóficos, étnicos, culturais deontológicos diferenciando-o da sociedade pelo seu “compromisso com a pátria e com a sua honra”



T.General - Alberto Veiga e T.General - Simão Wala

Terminou a sua intervenção dirigindo palavras de louvores ao Comandante da Academia Militar do Exército, pela forma exemplar como a tem dirigido. Por sua vez, o Comandante da AMEx, agradeceu o empenho da Comissão de jurados no acompanhamento das defesas e desejou bom regresso a casa.

COOPERAÇÃO DE ASSESSORIA DE DEFESA LUSO-ANGOLANA

Por: Cap. AMCamati Pongolola
Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)



De esquerda a direita Cor - Ernesto Calenga; Cor - Paulo Vaz; Cor - Raul Matias; T. General - Beto Veiga; Cor - Vasco António; T. Cor - Carlos Gabriel e T. Cor - Diogo Serrão

No âmbito da Cooperação no Domínio da Defesa entre Portugal e Angola, a Academia Militar do Exército (AMEx), recebeu no passado dia 21 de julho, a visita do Coronel, Raul Matias, do Exército português, Coordenador da Assessoria no domínio da Defesa Luso-angolana e Director Técnico do projecto nº 1, ligado a Assessoria técnica do Estado Maior General das Forças Armadas Angolanas (EMG-FAA). Acompanhado dos Directores Técnicos dos Projectos 2, 3 e representante do projecto 5. A comitiva na qual esteve integrado o também Coronel Paulo Vaz, adido de defesa, foi recebida pelo, Ten. General, José Alberto Veiga, Comandante da AMEx, na sala de reuniões do edifício do Comando, onde apresentaram cumprimentos ao mesmo e trocaram as primeiras impressões, antes de

ser encaminhada para a sala de conferências onde, foi proferida a mensagem de boas vindas do Comandante da Academia, pelo Senhor, Ten. Coronel, Martinho Abel Paris, Chefe Adjunto da Repartição de Educação Patriótica.

No cumprimento do programa proposto, foram ministradas duas palestras subordinadas aos seguintes temas: “A Cooperação no Domínio da Defesa Luso-Angola” e o “Processo de Decisão Militar – Um caso prático”. As mesmas foram ministradas pelo Coronel Raul Matias e pelo Ten. Coronel Serrão, respectivamente.

No final das palestras foi dada a possibilidade de esclarecer dúvidas e colocar questões, tendo o debate sido muito profícuo e esclarecedor.

Ao falar para a nossa reportagem, o Senhor Coronel, Raul Matias, disse que visitou a Academia Militar, com objectivo de

interagir e constatar no local a assessoria que está a ser realizada e encontrar algumas soluções para as possíveis dificuldades existentes, para além de esclarecer possíveis dúvidas existente sobre o âmbito da assessoria que é prestada pelo Exército português às FAA. Continuando, o coordenador da cooperação no domínio da Defesa Luso-Angola, salientou que o principal e o único benefício desta cooperação entre os dois países é fundamentalmente a “amizade, a partilha de informação e conhecimento”.

Ao tomar a palavra, o Cmdte da AMEx, manifestou a sua satisfação pela cooperação portuguesa e pelo desempenho dos Oficiais portugueses, em funções na Academia.

Importa referir, que a cooperação no domínio da defesa luso-angolana, está estruturada em 5 (cinco) projectos que abrangem os três Ramos das FAA.

EXÉRCITO GANHA 196 NOVOS OFICIAS

ACTUALIDADE

Por: Serafim Cabita
Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)



Finalista Rendendo Cortesia ao Presidente do Acto

Decorreu no passado dia 12 de Agosto, na Academia Militar do Exército (AMEx), o acto de Encerramento, Patentamento, entrega de Espadas e Outorga de Diplomas, aos 206 finalistas do 5º Curso de Licenciatura em Ciências e Tecnologias Militares da AMEx. A cerimónia foi presidida por Sua Excelência, General de Exército - António Egídio de Sousa Santos "Disciplina", Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas Angolanas

(CEMG-FAA), ladeado pelo senhor, Adilson Dellany Martins Gonçalves, Vice-governador para os Serviços Técnicos e Infraestruturas de Benguela, em representação de Luís Manuel da Fonseca Nunes, Governador. Também estiveram presentes os Comandantes dos Ramos das Forças Armadas Angolanas, da Comunidade Académica, Entidades Tradicionais e Eclesiásticas, Oficiais a distintos níveis, Sargentos, Praças, Cadetes, Trabalhadores Cívicos e Convidados.

A leitura da mensagem de boas-vindas do Comando do Exército, coube a sua Excelência, Tenente General - João Serafim Kiteculo, Comandante do Exército em exercício.



Ao começar expressou um forte agradecimento ao CEMG, pelo empenho, dedicação e especial atenção na formação e



instrução das tropas, factores que têm influenciado na formação do efectivo com “disciplina, organização e rigor” aspectos geradores de militares motivados que cumprem as missões com “alma e disciplina consciente”.

Por sua vez o Ten. General, José Alberto Veiga, Comandante da AME, na condição de anfitrião.



Começou por agradecer a presença de todos e afirmou que: “a formação dos 206, Oficiais em Ciências e Tecnologias Militares, trata-se de uma resposta permanente que o Estado angolano, por intermédio do Ministério da Defesa Nacional procura dar, de forma acertada, aos desafios da actualidade, cuja finalidade visa “profissionalizar as FAA para o seu emprego com objectividade e precisão na vasta complexidade de fenómenos e situações que se impõem”. Continuando, o Comandante Beto Veiga, entende que, é na formação qualitativa dos cadetes que se afirmam eternamente os pilares da riqueza dos valores pessoais e profissionais de um verdadeiro

e virtuoso “Soldado da Pátria”, assim como é nela onde se alicerçam a reedificação do acervo doutrinário das Forças Armadas, para o asseguramento dos fins do Estado e das “sagradas e nobres conquistas do povo”. Finalizou agradecendo o apoio de todos que contribuíram para a realização com êxitos da cerimônia de encerramento do 5º curso de licenciatura em ciências militares da AMEx.

Já o presidente do acto, Excelentíssimo, General de Exército, António Egídio de Sousa Santos “Disciplina” (CEMG-FAA).



Reiterou as boas-vindas aos presentes antes de dizer que o acto testemunhado por todos, para além de corresponder com as expectativas de rejuvenescimento e modernização das FAA, se enquadra também numa estratégia de redução dos elevados encargos do Estado com a formação de quadros militares no exterior. Para o CEMG, a realização do 5º Curso de Licenciatura em Ciências e Tecnologias Militares, prova por si só, a possibilidade de “continuarmos a formar par-

te considerável dos quadros militares nas nossas próprias Instituições, cooperando para o efeito com os países que sempre nos ajudaram neste desafiante esforço”. Na visão do presidente do acto, os Oficiais, devem transformar-se em líderes militares de sucesso, com firmeza de carácter e um sólido compromisso para com os valores da pátria “fortes à magnitude dos ventos de qualquer conjuntura e não meros usuários da farda”.

Terminou a sua intervenção, agradecendo o comando da AMEx, ao corpo docente e a todos quanto directa e indirectamente envolveram-se em todo processo formativo. Aos finalistas formulou votos de muita força, dedicação no cumprimento dos seus deveres através da aplicação prática dos vastos conhecimentos adquiridos ao longo da formação.

De referir, que o 5º Curso de Licenciatura em Ciências e Tecnologias Militares teve início no ano de 2017, onde foram matriculados 276 matriculados, dos quais apenas 206 “guerreiros” terminaram a formação e a realização do sonho de “serem Oficiais das FAA” em 2022. Com eles, a AMEx faz história por pela primeira vez ter formado Especialistas de Educação Patriótica.

EDUCAÇÃO PATRIÓTICA GANHA PRIMEIROS 15 LICENCIADOS NA AMEx

ACTUALIDADE

Por: Maj. Hélder S. P. Epomba
Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)



Na foto: Ten. General - José M. Marques; Ten. General - José Alberto Veiga; Ten. General - Manuel Augusto Paiva e os Finalistas da Ed. Patriótica

A Cátedra de Educação Patriótica é uma Sub-unidade docente, educativa, metodológica e científica na AMEx, assume plena responsabilidade pela direcção do Processo Docente e Ensino (PDE) na planificação, organização e execução do processo de ensino e aprendizagem vinculado á especialidade de Educação Patriótica – Psicologia Social e das Organização.

No âmbito do ensino, encarrega-se na formação de Educa-

dores Patrióticos no grau de Licenciatura, tendo como perfil de saída civil “Psicologia Social e das Organizações” e assegura outras especialidades (Armas e Serviços), com o principal objectivo de elevar as técnicas do Asseguramento Moral e Patriótico (AMP).

A Cátedra, tornou-se reitora desde 2018, com o arranque da primeira turma selecionada para frequentar o curso de Licenciatura em Ciência e Tecnologia Militar, na especialidade de Educação Patriótica,

inicialmente composta por 26 alunos entre oficiais subalternos e Cadetes, tendo resultado em apenas 15 finalistas no dia 12 de Agosto de 2022.

ASSEGURAMENTOS DURANTE OS CINCO ANOS MAIS UM DA COVID-19

Situação do pessoal:

No início do curso, a Cátedra contava com apenas três (3) Docentes efectivos. Sendo o Chefe, o Adjunto e um primeiro Professor.

O Sr T. Coronel Daniel da Silva Soares (em Memória), foi o

co-fundador chefe da Cátedra Reitora, tendo dirigido a mesma até ao seu passamento físico. Durante a vigência do seu mandato, atravessaram-se grandes dificuldades no que concerne a falta de Professores especialistas, o que obrigou muitas vezes recorrer ao corpo docente externo (Instituto Superior da Força Aérea e a respectiva Academia).

Com o passamento físico do senhor T. Cor Daniel Soares, foi nomeado para o cargo, o Sr Major Hélder Serafim da Paixão Epomba, Coadjuvado pelo Sr Capião Isaías Artur Carlos. Foi com o apoio da Direcção de Educação Patriótica do Ramo, que a Cátedra conseguiu estabilizar-se no ponto de vista docente.



TRAJECTORIA DOS PRIMEIROS ESPECIALISTAS

Durante o Processo Docente Educativo, foram várias as dificuldades atravessadas conforme referidas pelos docentes e discentes, estes últimos agora finalistas e Oficiais subalternos do quadro permanente. Num período de cinco anos lectivos, faltou de tudo um pouco, desde docentes, sala de aula específica, projecto pedagógico acabado que foi sofrendo alterações constantes até a aprovação pelo Ministério do Ensino Superior Ciência Tecnologia e Inovação, o que levou-os a

recuperar disciplinas em forma de compensação.

NOTAS DE MAIOR REALCE

1. A participação efectiva e activa de Sua Excia Brigadeiro Zé Domingos, Chefe de Direcção de Educação Patriótica do Exército.

2. A firmeza do corpo docente que engajou-se até ao fim do processo, culminando com o resultado final da turma numa classificação quantitativa de 17,3 valores;

3. A requalificação total da Cátedra, por Sua Excia Chefe do Estado Maior General Adjunto para a Educação Patriótica, através da DPEP/EMG/FAA;

4. Os louvores recebidos das Brigadas (41ª e 73ª) da Região Militar Centro onde os nossos Cadetes do 5º ano realizaram a prática de Comando e Direcção;

5. O reconhecimento dado por Sua Excia Tenente General Simão Carlitos Wala, aquando do acompanhamento dos Exames Estatais e defesas de monografia;

6. A Cátedra foi pioneira na formação dos primeiros licenciados em Ciências Militares na especialidade de Educação Patriótica a nível das FAA. Conforta-nos ainda pelo facto de o melhor Cadete da AMEx (vanguarda), referente ao 5º curso, o finalista Alcindo E. Kwomboka com uma média de 18 Valores, ter sido da especialidade.



CONFRATERNIZAÇÃO

No dia 12 de Agosto, sua Excelência Brigadeiro Zé Domingos, Chefe de Direcção de Educação Patriótica do Comando do Exército, testemunhou o encerramento do 5º curso em Ciências e Tecnologias Militares e concomitantemente, o primeiro curso de Licenciatura na especialidade de Educação Patriótica no Ramo do Exército e das Forças Armadas em Geral. Brindou com o finalista, o Subtenente Alcindo Kwomboka, distinguido dos 15 finalistas de Educação Patriótica e dos 196 finalistas das 14 especialidades, classificado como o vanguarda do 5º Curso de Licenciatura em Ciências e Tecnologias Militares.



Por outro, partilhou a sua alegria com a família dos finalistas, junto do chefe de Cátedra, bem como sessões de fotos com o Vanguarda e os seus prestigiados pais no memorial do Cadete da Academia Militar do Exército.

Bem haja a transformação do homem novo!

Bem haja a especialidade.

CÁTEDRA DE EDUCAÇÃO PATRIÓTICA – FIRMEZA, LEALDADE, CIENTIFICIDADE E ENSINO.

AMEx 13 ANOS A CONTRIBUIR PARA O REJUVENESCIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS ANGOLANAS

Por: Cap. AMCamati Pongolola
Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)



Na foto: Desintegração do Estandarte Nacional em parada

Decorreu no passado dia 9 de Setembro, na Academia Militar do Exército (AMEx), o acto das comemorações do seu décimo terceiro aniversário de fundação.

A cerimônia que ocorreu em parada, foi presidida por sua Excelência Tenente General – José Alberto Veiga, Cmdte da AMEx, ladeado por sua Excelência Brigadeiro – Jacinto Dumbo Gracianos, 2º Comandante da AMEx e pelos Coroneis – Ernesto João Calenga, Cmdte Adjunto para Educação Patriótica e Jacob's Shandley Viongo, Director de Ensino e pelos assessores Cubano e Português.

O Director de Ensino foi quem ficou encarregado de relembrar a história da Academia Militar do Exército. Começou por citar os diferentes nomes que esta instituição foi tendo durante os tempos, assim como quem fo-

ram os seus Comandantes.

tomar a palavra, o Comandante começou por homenagear e agradecer a todos os valorosos Soldados da Pátria e obreiros que de uma maneira ou de outra, deram o seu contributo para o engrandecimento do percurso histórico e indelével que a AMEx fez.

Debruçando-se sobre o acto disse que “A AMEx completa hoje 13 anos de existência. Por trás ficaram memórias que directa ou indirectamente fizeram-nos crescer e fazem com que hoje sejamos “donos do nosso destino” e pela frente esperam-nos complexas missões que, triunfalmente teremos de transpor visando manter e/ou melhor a nossa reputação e o prestígio que granjeamos”.

Continuando reafirmou que: “Realmente são passados 13 anos, biologicamente é uma idade imatura para as grandes realizações, mas pela filosofia

da vida, consubstanciada nas acções e actos profícuos dos homens e das mulheres que compõem a Academia, podemos afirmar que ela transfigura-se numa unidade idónea e um dos Baluartes Estabelecimentos de Ensino das FAA, com quem elas devem contar para os desafios de redimensionamento, rejuvenescimento e outros da actualidade que lhes são incumbidas. Continuando, o Comandante da AMEx, admitiu que nem tudo nos tem corrido “num mar de rosas”, tanto pela ordem objectiva como subjectiva, de que não foge muito da realidade conjuntural do próprio país. Pelo que também reconheceu que todavia, é com tais dificuldades que temos vindo a crescer e fazendo o melhor.



Ao terminar encorajou a todos quanto estão conjurados com os nobres interesses e objectivos do Estado angolano no geral e das FAA em particular, quanto a formação militar que continuem a acreditar, pesquisando e inovando sempre.

Testemunharam o acto oficiais Superiores, capitães e Subalternos, Sargentos, Praças, Cadetes e Trabalhadores Civis.

Por: Cor- Jacobs Chandley Viongo
Foto: Feliciano Gabriel (Chipa)

BREVE HISTORIAL DA ACADEMIA MILITAR DO EXÉRCITO



Na foto: Finalistas do 4º Curso, na qual 5 são da nacionalidade Caboverdiana

Enquanto pioneiro na construção da “Obra AMEx”, o autor vem agradecer a merecida honra pela oportunidade de descrever o Breve historial desta Instituição.

A Academia Militar do Exército é um estabelecimento de Ensino Superior Público, que desenvolve actividades de ensino, investigação e de apoio às comunidades. É um estabelecimento inserido no subsistema de ensino superior angolano, que cumpre missão de formar Oficiais do Quadro Permanente com qualidades requeridas para as Armas e Serviços do Exército. Os cursos de Licenciatura em Ciências Militares ministrados, agregam a componente académica e técnico-militar no âmbito das mais diversas áreas do conhecimento científico. Está localizada na cidade Ferro-portuária do Lobito, Província de Benguela onde a AMEx tem como sua sede (pro-

visória) com uma Unidade de Apoio na região da Tola, Município de Bocoio. É criada a 9 de Setembro de 2009 ao abrigo do Decreto Presidencial nº 41/09, que nomeia o Comandante da Academia, Sua Excelência Tenente General, António José de Sousa Queirós, conforme consta em Diário da República, I Série nº 171, que visava a promoção de projectos de investigação pluridisciplinar com interesses para a defesa nacional. Os cursos de Licenciatura em Ciências Militares que se ministram, agregam a componente académica e técnico-militar no âmbito das mais diversas áreas do conhecimento científico.

Historicamente o espaço das instalações provisórias que alberga a AMEx no Lobito, merece recordações para a memória colectiva dos angolanos, pois no longo período colonial, este local, serviu de área de concentração e albergue dos “angariados indígenas e con-

tratados como mão de obra barata dos Caminhos de Ferro de Benguela (CFB)”. Depois da Independência, de 1976 à 1980, serviu de Escola de Sargentos “Comandante Rafael Zembo Fati (Veneno)”, tendo como Comandante o Sr Major, Domingos Hugo (SKS); De 1980 à 1982 passa para Centro de Tropas Gerais “Comandante Benedito”, tendo como Comandante o Sr Capitão, Manuel Francisco e substituído desde 1982 pelo Sr. Capitão Tony Alves, como Cmdte até 1990; Com o reascender da guerra pós eleitoral, de 1993 à 1994 as instalações albergam a Escola Regional Centro Sul com o Comandante Tony Alves como Coronel; De 1994 à 2003 alberga a Escola de Formação de Oficiais (EFO) com o camarada Tony Alves já com o posto militar de Brigadeiro e no período seguinte até 2009, com a criação das Cátedras originárias das Escolas Práticas de Artilha-

ria (EPA) e das Comunicações do Exército, o Estabelecimento de Ensino passa a chamar-se Escola Inter-Armas de Oficiais (EIAO) com a contínua função de comandante o Tenente General Tony Alves “o Comandante Cadiabala tal como os Puma o apelidavam”.



No dia 09 de Outubro de 2009, o então Comandante do Exército, Sua Excelência General Lúcio Gonçalves do Amaral, fazia o empossamento do Comandante da Academia Militar procedendo a entrega oficial das instalações da Escola Inter-Armas de Oficiais para a Academia como Instituição de Ensino Superior Militar (IESM), subordinada ao Comando do Exército, dando início da sua actividade formativa em 17 de Novembro de 2009 com os primeiros 410 alunos do Curso Médio do perfil de comando de tropas, provenientes do Estado Maior General (EMG), Exército, Unidade de Segurança Presidencial (USP), Unidade da Guarda Presidencial (UGP) e Casa Militar.

Neste âmbito, a AMEx tem como visão: Destacar-se como Instituição de Ensino Superior Militar de referência nacional, regional, africana ou mundial, proporcionando excelência à

nível das regiões integracionais africanas, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), bem como outras de âmbito internacional com as quais Angola tem parceria com estabelecimentos de ensino superior nacionais e estrangeiras na realização de formação conducentes a formação de docentes para os graus académicos de Mestres e Doutores. Hoje, a instituição é perene e persistente no cumprimento dos seus Objectivos Específicos bem definidos:

Preparar Quadros com Competências e Capacidades para actuar nas várias modalidades de combate; Preparar fisicamente o militar e adestrá-lo com vista a dar-lhe os atributos físicos e o treino imprescindível ao cumprimento das suas missões; Dotar o Cadete de uma formação comportamental consubstanciada numa sólida educação militar, patriótica, moral e cívica, de modo a desenvolver qualidades de comando, inerentes à condição militar.

O 9 de Setembro desde 2009 é comemorado “Dia da Academia do Exército”.

Na história da humanidade “os homens passam e as obras ficam” pois no âmbito da acção dirigente do Processo Docente e de Comando, na AMEx, somos dignos de registo de que já passaram as seguintes personalidades:

COMO REITOR, O CMDTE DA ACADEMIA:

- 2009 à 2020 - Sua Excelência Tenente General - António José De Sousa Queirós; Actualmente é Comandante, Sua Excelência Tenente General - José Alberto Veiga.

2ºCOMANDANTE:

- 2009 à 2013, Sua Excelência Brigadeiro Miguel Francisco Salvador Machado Júnior (Chadinho); 2013 à 2017, Sua Excelência Brigadeiro Jacinto Dumbo Graciano; 2017 à 2020, Sua Excelência Brigadeiro António Joaquim Neto João e actualmente temos de volta após uma formação, Sua Excelência Brigadeiro - Jacinto Dumbo Graciano.

CMDTE ADJUNTO PARA EDUCAÇÃO PATRIÓTICA

- 2009 à 2020 - Sr. Coronel Gildo Cristóvão Galiano; 2020 à 2022, Sr. Coronel Moises dos Santos Pirúca e actualmente é Cmdte Adjunto, o Sr Coronel Ernesto Calenga

DIRECTORES DE ENSINO:

- 2009 à 2017-Coronel António Joaquim Neto João; 2017 à 2020, Coronel João Simões Cancelinha dos Santos Loio e actualmente é o director de Ensino o Coronel Jacobs Chandley Viongo (Ley).

Os especialistas de Armas e Serviços do Exército eram formados na Escola Inter-Armas de Oficiais de nível Básico e Médio “Comandante Nicolau Gomez Spencer e Comandante Gika”, para corresponder às exigências da época. E desde a Proclamação da Independência Nacional, durante mais de 30 anos, grande parte do processo de formação dos quadros superiores resultava da cooperação com os países amigos.

Hoje, com a paz reinante em Angola, no âmbito do processo de reedificação das FAA e

com a criação das Instituições de Ensino Superior Militar no país, no subsistema do ensino Superior, estes cursos são ministrados na Academia Militar do Exército (AMEx) que desde o início do I Curso superior em 2013, lançou para a sociedade castrense os primeiros 99 Licenciados em 2017; o II Curso em 2018 com 153 Licenciados; o III Curso em 2019 com 96 Licenciados; o IV Curso em 2021 com 162 Licenciados (entre os quais 05 cidadãos Cabo-verdianos) e o V Curso recentemente terminado no pretérito Agosto de 2022 com 206 Licenciados, prefazendo um total de 716 Oficiais Graduados em Ciências Militares em diferentes especialidades do Exército.

Como é de notar, a AMEx, surge com vista a responder às necessidades de formação de quadros de acordo com as exigências científico-metodológicas, técnicas e tecnológicas das Armas e Serviços, tendo em atenção a necessidade de completar as Unidades do Exército segundo as normas vigentes no âmbito de requalificação e redimensionamento das FAA.

É nosso orgulho, a AMEx marcar de forma indelével a sua importância na formação de Quadros necessários, cujo perfil de saída é de Comandantes de Subunidades do escalão Pelotão ou equivalentes para o suporte humano do processo de modernização e requalificação das Forças Armadas Angolanas participando na gestão e poupança dos recursos do Estado com a produção interna dos quadros oficiais para o Exército, com competências Organizacionais, de Liderança

e Competências Técnicas. Outrossim, no âmbito das necessidades do Exército, das Forças Armadas e da Defesa Nacional, a AMEx já ministrou outros cursos de renome:

- Dois Cursos de Oficiais Militares (2010, 2013);
- Um Curso de Formação de Formadores (2011);
- Dois Cursos de Atualização de Logística (2012, 2014);
- Um Curso de Liderança (2014);
- Dois Cursos de Topografia (2014, 2017);
- Dois Cursos de Balística (2014, 2017);
- Dois Cursos de Oficiais Docentes (2015, 2017);
- Dois Cursos de Agregação Pedagógica (2019, 2021)

O difícil foi arquitectar e erguer o primeiro embrião da AMEx. Actualmente a luta pela excelência docente da Academia Militar, está associada às necessidades de equipamento, meios de transporte, técnica de instrução e de combate das armas e serviços, assim como toda base material maior e menor para garantir o alcance dos objectivos cognitivos, psicomotores e atitudinais (valores) na formação dos seus discentes.

PRINCIPAIS EVENTOS E PERSPECTIVAS DA AMEX PARA O ANO ACADÉMICO 2022/2023

- Abertura do Ano Académico 2022/2023 em 30/09/2022;
- Aulas do 1º Semestre 2022/2023 de 03/10/2022 à 17/02/2023;
- Aulas do IIº Semestre 2022/2023 de 06/03 à 21/07/2023;
- Visita de estudo dos Cadetes do 5º Ano ao Cuito Cua-

- navale de 11 à 14/12/2022;
- Visita de estudo dos Cadetes do 5º Ano ao Cemitério Monumento do Cuito /Bié de 15 à 18/12/2022;
- Práticas de Comando (Estágio na Unidades) de 13/02 à 12/04/2023;
- Tiro Preparatório das Armas no Campo de Manobras de Soba Matias de 08 à 14/06/2023;
- Manobra Académica no Campo de Manobras de Soba Matias de 15 à 21/06/2023;
- Exame Estatal dos Cadetes do 6º Curso de 03 à 07/07/2023;
- Defesas do Trabalho Final do 6º Curso de 17 à 21/07/2023;
- Preparação para o encerramento do Curso de 24/07 à 03/08/2023;
- Data do Encerramento do 6º Curso 04 de Agosto de 2023.
- Férias dos Cadetes de 07/08 à 07/09/2023;
- Realizar um encontro Metodológico com participação dos DRM e Centros de Selecção e Classificação, sobre o estudo do Processo de Selecção e Admissão dos Candidatos à AMEx com o princípio de territorialidade, para se executar em 75 Dias antes da data do início do Ano Académico.

Por fim, o Comando da AMEx agradece à todo seu Pessoal militar e civil que consente dificuldades e se distingue no seu dia-dia e em 13 anos de existência, tudo faz para que a instituição se matem firme no contexto do subsistema de Ensino Superior Militar.

“UMA INSTITUIÇÃO DE EXCELÊNCIA É A NOSSA ASPIRAÇÃO”

ENTREVISTA

O Cmdte da AMEx Exorta a todos, a serem sonhadores activos, que continuem a cultivar a cada dia o espírito de pertença para que de braços dados possamos cumprir esta grandiosa tarefa da formação dos verdadeiros soldados da Pátria.

Por: Cap. AMCamati Pongolola



1. VOLVIDOS 13 ANOS DE EXISTÊNCIA DA AMEx, QUE LEITURA FAZ EM TORNO DO VASTO LEQUE DE ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS AO LONGO DESSES ANOS?	Foram muitas realizações ao longo destes anos, partindo da institucionalização, organização e desenvolvimento deste Estabelecimento de Ensino Superior Militar, o que possibilitou a formação até a data presente de mais de sete centenas de oficiais do quadro permanente contribuindo em parte para o rejuvenescimento das FAA.
2. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES QUE A AMEx ENFRENTA?	São várias. Começando pelas infra-estruturas que já não suportam a demanda, passando pelos níveis de abastecimentos logísticos e meios de apoio a instrução fruto da conjuntura vigente.
3. COMO AVALIA O ESTADO PSICO-MORAL E DISCIPLINAR DAS TROPAS, DESPORTO E LAZER?	A julgar pela conjuntura vigente podemos considera-lo de aceitável. Sobre as actividades de desporto e lazer não se têm realizado com as regularidades desejadas. Primeiro devido ao período da pandemia e segundo pelas dificuldades orçamentais.
4. ESTAMOS A COMEMORAR O 13º ANIVERSÁRIO, QUE AMEx CONTA-MOS TER NOS PRÓXIMOS TEMPOS?	Uma Instituição de excelência é a nossa aspiração, continuando a afirmá-la como uma Escola de Comandantes para o Exército, e para as Forças Armadas Angolanas, constituindo-se como uma Instituição que pensa o futuro e que tem como estandarte da formação dos seus alunos, o equilíbrio mais adequado entre o ensino (o Saber), a educação física e o treino militar (o Fazer) e a formação comportamental (o Ser). Reforçar o intercâmbio ao nível da Cooperação com as instituições do Ensino superior da região e países amigos. No plano interno, consolidar e ampliar as nossas relações com as mais relevantes instituições académicas, numa perspectiva de crescente aproximação e conhecimento mútuos, que conduza à permanente actualização do conhecimento científico e a uma acrescida sinergia civil-militar no campo da segurança e defesa.
5. QUANTO AS INSTALAÇÕES DO HUAMBO O QUE LHE OFERECE DIZER SENHOR COMANDANTE?	Continua a ser um sonho adiado pelo facto de ainda não se terem reatado as obras paralisadas há mais de 5 anos. Mas temos a esperança que este sonho se venha a concretizar tão logo se resolvam as questões que estiveram na razão da paralisação das obras. Pena é que ano após ano as estruturas se vão degradando o tornando mais onerosa a sua conclusão.
6. NO QUADRO PESSOAL, CAMINHA PARA O SEU TERCEIRO ANO À FRENTE DA AMEx QUE AVALIAÇÃO FAZ DO SEU PERCURSO EMQUANTO COMANDANTE DESTE ESTABELECIMENTO DE ENSINO MILITAR?	É mais um desafio ao longo dos meus 47 anos de carreira militar, onde tenho tido a humildade de pensar que há sempre mais para aprender e para demonstrar atitudes proactivas em relação ao conhecimento técnico e as boas práticas no domínio do ensino o que tem possibilitado abrir-me cada vez mais ao conhecimento global e ao que comprovadamente melhor se faz no domínio da transmissão do conhecimento. Em suma tem sido um aprendizado gratificante.
7. EXª, JÁ A TERMINAR, QUAL É A MENSAGEM PARA OS EFECTIVOS DA AMEx POR ESTA OCASIÃO DAS COMEMORAÇÕES DO 13º ANIVERSÁRIO?	Exorto a todos a serem sonhadores activos, a serem positivos, a serem criativos, a transformarem os problemas em verdadeiras oportunidades e em soluções exequíveis e realistas. Que continuem a cultivar a cada dia o espírito de pertença para que de braços dados possamos cumprir esta grandiosa tarefa da formação dos verdadeiros soldados da Pátria.

Por: Cap. AMCamati Pongolola
Foto: 1º Cabo - Bartolomeu Paulo

ABERTURA DO ANO ACADÉMICO



Na foto: Membros do Comando da AMEx

No dia 30 de Setembro, realizou-se o acto que marcou a abertura solene do Ano Académico de 2022/2023, na AMEx.

A cerimónia em parada, foi presidida por sua Excelência Tenente General – José Alberto Veiga, Cmdte da AMEx, ladoado por por sua excelência brigadeiro Jacinto Dumbo Graciano, segundo Comandante, pelos Coroneis – Ernesto João Calenga, Cmdte Adjunto para Educação Patriótica e Jacob's Shandley Viongo, Director de Ensino e pelos assessores Cubano e Português. O acto foi presenciado pelos Oficiais Superiores, capitães e Subalternos, Sargentos, Praças, Cadetes e trabalhadores Civis.

Após o início da cerimónia, coube ao Director de Ensino apresentar aquele que será o

ano académico 2022/2023. Ao tomar a palavra fez uma viagem ao ano académico anterior dizendo que o mesmo foi notado de insuficiências de base material de material de estudo tanto Maior como Menor assim como outras dificuldades relacionadas com o processo docente educativo sobretudo os que surgiram por causa da pandemia da COVID-19 que assolou o mundo.

Aos dirigentes, docentes e órgão de comando pediu mais proactividade e que concentrem os principais esforços no trabalho metodológico e na superação profissional. Aos cadetes impeliu-os a definirem bem os objectivos da presença deles aqui e que cada um construa e assimile conhecimentos, habilidades e valores. E a todos aqueles que « andam de moletas» exortou-os a largarem-nas

e que procurem a andar com os próprios pés para melhor resistirem, persistirem, e fazerem do «não desistir» um lema..

O Comandante da AMEx na sua intervenção, começou por lembrar aos presentes que aquele que tem sido o percurso do país desde as últimas eleições acontecidas no passado dia 24 de agosto dizendo que já existe um novo governo nova Assembleia Nacional e pela ordem de proporcionalidade, aguardam-se alterações na composição dos membros do Tribunal Constitucional e na Comissão Nacional Eleitoral, o que fará com que se desenhe um novo rumo no que diz respeito à matéria da democracia na vida do país. Continuou apontando que estes senários de mudanças também se poderão verificar nas FAA não estando elas alheias a esse processo históri-



co, enquanto fenómeno social, seja pelas mudanças físicas de alguns dos seus membros nos diversos cargos que actualmente ocupam, seja pela própria dinâmica de uma mudança.



Falando do acto solene que que acompanhávamos dizia que para além de traduzir somente o momento para o arranque da actividade lectiva, significava também momento de reflectirmos no “quem somos, aonde vamos e a quem servimos” pois, os militares têm um grande papel a desempenhar nesse processo, quanto a reedificação e rejuvenescimento das FAA e da consolidação paulatina da Democracia.

Á todos e em especial aos cadetes afirmou que se precisa de militares esclarecidos e de cadetes que sabem sonhar. Não basta obter conquistas e títulos académicos e olhar o país com olhos de um abutre, virados apenas para debicar o seu pedaço, como profetizava

o nosso poeta maior, Dr. António Agostinho Neto. Alertou que é preciso sim, homens e mulheres, sobretudo os nossos cadetes, que amem em verdade, a sua Pátria e revistam-se de patriotismo.

Este ano mostra-se de todo especial porque depois de um interregno de dois anos sem cadetes a frequentarem o primeiro ano de Licenciatura em Ciências e Tecnologias Militares, eis que os teremos novamente a preencher o espaço para eles reservados. Sobre este assunto o Comandante da AMEx justificou a razão pela qual eles não estiveram presentes durante o acto solene de abertura do ano académico apontando razões de ordem objectivas, e pelos mesmos encontrarem-se na fase de exames, como pré-requisitos para ser considerado pré-cadetes, antes apto para a Instrução Básica Militar na Unidade de Apoio à Instrução na Tola. Todavia, realçou que esforços estão sendo empreendidos, seja ao nível do Comando da Academia, como pelo Comando do Exército, no sentido de se evitar situações de género nos próximos tempos.

Aos docentes da AMEx e perifrasedo William Arthur Ward disse: “o professor medíocre descreve; o bom professor ex-

plica; o professor superior demonstra e o grande professor inspira”.

Continuando, lembrou aos professores que eles são o sentido certo da razão e dos fundamentos teóricos e pragmáticos da academia militar e nunca pelas simples intenções e palavras. Por isso, além de exigir apenas pediu aos professores que se envolvam profundamente no processo.

Ao terminar a sua abordagem lembrou aos militares e cadetes que «este espaço geográfico onde nos encontramos, conserva uma história pejada de inúmeros marcos que se traduziram em virtudes militares, nomeadamente: a coragem, a lealdade, a honra, a camaradagem, o espírito de servir e o amor à Pátria, tal como parte incontornável dos nossos ancestrais da nossa história recente. Pelo que, pedimos-vos que, com a vossa conduta e empenho, luteis para que estes valores continuem a ser os valores de orientação da vossa vivência e de orgulho do nosso povo, seja como Soldados da Pátria, como futuros servidores da nossa sociedade. Só assim conseguiremos prestar um verdadeiro contributo à Nação».

Com estas palavras declarou aberto oficialmente o ano académico de 2022/2023.

ANGOLA

POVOS E LÍNGUAS

Por: Tenente Coronel - Castilho Neto Kassandji
Chefe de Cátedra de História e Antropologia da AMEx



Fonte: Internet - Mapa parcelar de Angola

Angola, é um imenso território com uma configuração quadrangular. Está situada na África Central/Ocidental, a Sul do Equador. O seu território ocupa uma área de 1.246.700km², e estende-se entre os 5 e os 18 graus de latitude sul, e entre os 12 e 24 graus de longitude a leste de Greenwich. Faz fronteira a norte e Nordeste com a RDC (República Democrática do Congo) e com a República do Congo Brazzaville; a leste com a Zâm-

bia, e, a Sul com a República da Namíbia.

O território pode ser dividido em três zonas distintas ou patamares na morfologia de Angola. De oeste para leste, em direcção ao interior, há uma região costeira de terras baixas, com pouco mais de 150 km no seu ponto mais largo, que abrange quase toda a faixa longitudinal do país desde o extremo norte, junto à foz do rio Kongo, até ao extremo sul. A seguir, encontramos uma faixa estreita de subplanalto que se eleva de

300 a 1000 metros de altitude. A zona mais oriental, um verdadeiro planalto, elava-se numa série de mesetas com uma altitude entre 1200 e 2100 metros, aproximadamente.

O território de Angola ou dos “Ngola” como é também conhecido, encontra-se assinalado por testemunhos muito antigos, de populações que aqui viveram. Além de ossos, os instrumentos de pedra, as gravuras, os concheiros, e as pinturas rupestres, especialmente do Alto Zambeze, da Kibala e da

Brutuei, atestam a presença de agregados humanos em épocas remotas, particularmente ao longo do litoral.

Os dados históricos, antropológicos e arqueológicos da velha Angola, comprovam também a existência de caçadores pigmeus e recolectores “Khoisan” (bosquímanos e hotentotes), em vastas regiões ao sul do Equador, assim como de povos Vátwas ou Kurokas, que se fixaram nos confins áridos e remotos do sul de Angola.

A palavra “khoisan”, é o resultado da junção de dois subgrupos: os khoi khoi (kede), que era o nome hotentote que eles davam-se a si próprios, e os San (vakankala), que era o nome que atribuíam aos bosquímanos.

Não pertencendo exactamente ao grupo racial negróide, os khoisan possuem algumas características físicas do grupo mongol. Do ponto de vista de alguns historiadores, trata-se de uma raça de contacto, que resultou do cruzamento entre a população africana e chinesa, que se havia instalado no continente africano antes do século XV d.C, juntamente com os comerciantes árabes e indianos. A origem dos vátwas, por seu turno é obscura. No entanto, habitam desde os tempos remotos as margens do rio Kuroka, e uma faixa estreita do deserto de Moçâmedes. Tem como subgrupos, os Kwepes ou ovakwepes e kwisis ou ovakwandos.

No que refere aos povos bantu, já se levantaram as mais variadas hipóteses. Com efeito, antes de se dispersarem pelas regiões da África Austral, o nú-

cleo inicial parece ter vivido entre o rio Níger e o lago Tchad, por volta do início da nossa era. Daí devem ter migrado para leste e sul, até atingirem a região dos Grandes Lagos, o planalto Luba e a bacia do Zaire, região que devem ter atingido nos meados do primeiro milénio.

Existem várias centenas de povos bantu na região da África subsahariana, isto é, comunidades culturais com estruturas linguísticas e traços civilizacionais comuns. Aliás, Cheik Anta Diop, fala mesmo de uma “uni-descendência” de todos os povos negróides de África, e não apenas de povos bantus. Por isso, além do nítido parentesco linguístico, os bantu de Angola também conservam um fundo de crenças, ritos e de costumes similares.



Assim, é possível falar em um povo bantu, ainda que subdividido em múltiplos grupos de características culturais acidentais muito variáveis e com uma história diversa e até antagónica.

O radical “ntu”, comum em muitas línguas bantu, significa homem, e o prefixo “ba”, é a sua forma plural. O termo “bantu”, foi proposto na África do Sul, em 1856, pelo linguista alemão Wilhelm Heinrich I. Bleek, para se referir a uma família de línguas que usava a raiz “ntu”.

A fronteira norte actual dos povos bantus, começa nas mon-

tanhas dos Camarões ou na desembocadura do Níger até ao sul da Etiópia, incluindo a República Centro Africana e o Sul do Sudão. A partir desta fronteira norte, toda África negra até ao Cabo, desde o Atlântico ao Índico, é quase totalmente bantu.

O território angolano começou a ser povoado por povos bantus, a partir dos séculos XII/XIII, até ao século XIX, com a chegada do subgrupo Kuangali, ao extremo sudoeste de Angola. Mas, na óptica de alguns historiadores, o início do movimento migratório para o território angolano, ocorreu muito antes desta época.

O principal centro das primeiras actividades culturais teria sido o nordeste, local provável de difusão de uma cultura da floresta equatorial. Muitos dos antepassados dos actuais agrupamentos bantu do norte (bakongos e jagas) e do centro e sul (ovimbundos e helelos), migraram para o território a partir do norte e do leste.

A maior parte das fontes escritas e arqueológicas disponíveis, referem que foi no século XIII, que começaram a ser criados os primeiros agrupamentos políticos, com destaque para o reino do Kongo. Um dos maiores, senão o maior da África Subsahariana.



O reino do Kongo estendia-se

desde o Gabão, a Norte, até à fronteira da actual província do Bengo, ocupando uma vasta área das duas actuais repúblicas congolosas e, também às províncias angolanas do Zaire e do Uíge. A sua capital era Mbanza-Kongo, rebaptizada São Salvador pelos portugueses durante a ocupação. Imediatamente a sul do reino do Kongo, ficava o reino do Ndongou ou dos “Ngola”.

A mescla em Angola começou a verificar-se logo após a chegada dos bantus: Bakongo, Ambundu, Ovimbundu, Lunda-Cokwe, Ngangela, Nhanekahumbi, Helelo, Xindonga e Ambo. E posteriormente evoluiu para a miscigenação com a expansão de povos europeus, sul-americanos e asiáticos (portugueses, alemães, holandeses, brasileiros e israelenses).

A partir de 1415, com a tomada da cidade marroquina de Ceuta, Portugal iniciou um período em que se tornou líder mundial na navegação, exploração, conquista e comércio em três continentes: África, Ásia e América.

O navegador Diogo Cão, foi o primeiro europeu a desembarcar em Angola, precisamente, no antigo reino do Kongo. Mas, a fixação das populações portuguesas começou em 1575, no seguimento da segunda viagem de Paulo Dias de Novas a Luanda, acompanhado por 100 famílias de colonos e 400 soldados.

Apesar da cidade de São Paulo de Loanda ter sido fundada em 25 de Janeiro de 1575, recebeu o estatuto de cidade apenas em 1605.

Apartando o reino do Kongo, os africanos fundaram outros reinos: Ngoyo, Kakongo, Loango (povo bacongo), Ndongou, Kasanje, Matamba (povo ambundu), Lunda (povo lunda-cokwe), Viye, Mbalundu, Ngalange, Ndulu, Ciyaka (povo ovimbundu), Kwanyama (povo ambo), etc.

A fronteira de Angola, ficou definitivamente traçada em 1927, na Convenção do Lobito, como consequência dos inúmeros acordos, tratados, convenções e protocolos, firmados com as potências coloniais, instaladas na região da África Subsariana. Com base no princípio de ocupação efectiva do território, consagrado na Conferência de Berlim, realizada entre os dias 15 de Novembro de 1884 a 26 de Fevereiro de 1885. Neste mesmo período, começou formalmente a colonização do território, e os soberanos angolanos, tornaram-se mais simbólicos do que reais.

Angola possui de facto, 2 (dois) grupos não bantus, 9 (nove) grupos bantus, e mais de 100 (cem) etnias ou subgrupos:

Ovimbundu ou “povos do nevoeiro”. Vivem na região Centro/Oeste, em altitudes entre os 1000 e os 1500 metros, nomeadamente nas províncias do Bié, do Huambo, de Benguela, da Huila e do Kwanza Sul.



Tem como subgrupos, os viyes, os mbalundus, os wambus, os sambus, os seles, os kakondas, os ngandas, os ciakas, os hanhas, os chikumas, etc.

Ambundu, localizam-se no extenso eixo entre o mar e o rio Kwango, nas províncias de Luanda, do Bengo, de Malange, do Kwanza-Norte e do Kwanza-Sul.



Das várias etnias que integram o grupo Ambundu, destaca-se os povos ndembos. Que depressa ficaram conhecidos por serem dos mais tenazes resistentes à intrusão e autoridade europeia no norte de Angola.

Esta tendência centrífuga no noroeste de Angola é reforçada, se não parcialmente engendrada pelo relevo e isolamento geográfico do território dos Dembos. Fazem também parte do grande grupo ambundu, os bangalas, os mbondos, os libolos, os luangos, os kibalalas, os kisamas, os loandas, os mahungos, os minungos, os muhakokos, os mussendes, os ngolas, os ntemos, os punas, os holo, os kari, os xinje, os songos.

Bakongo, encontram-se mais a norte, no enclave de Cabinda, e nas regiões do noroeste de Angola (Zaire e Uíge), ou seja, o grupo habita uma larga faixa ao longo da costa atlântica da África, desde o sul do Gabão, até as províncias do Zaire e do

Uíge, passando pela República Democrática do Congo e pelo enclave de Cabinda. Integram o grupo Bakongo, os sossos, os pombos, os sorongos, os zombos, kakongos, musoronogos, maiombe, e outros.



Lunda-cokwe, tendo vivido no Katanga em tempos mais recuados, migrou para Angola, no início do século XVI. Actualmente habitam as províncias da Lunda-Norte, da Lunda-Sul, do Moxico ou Muxiku, do Cuando-Cubango ou Kwandu-Kubangu e do Bié ou Viye.



Os cokwes, são mais numerosos do que os lundas, no entanto, ambos os povos estão unidos por fortes laços históricos, linguísticos e, de aliança e matrimónio. Os mataba, os mai, os cokwe, os kakongo, os lunda, os lunda-lua-xindes, os lunda-ndembo, são os subgrupos do grande grupo lunda-cokwe.

Ngangela ou vangangela, é um grupo etnolinguístico que vive no Leste e Sudeste de Angola. Mormente, nas províncias de Cuando-Cubango, do Moxico, do Bié e do Cunene ou Kunene.



Fazem parte do grupo bantu ngangela, os ambuelas, os ambuila-mambumbas, os ekonjeiros, os luvalés, os luimbés, os lutchazes, os mbandes, os mbundas, os nhembas, os ngoniélus, os vaiahumas, etc.

Nhaneka-humbi ou ovanyaneka-nkhumbi, vindos do sul, esta etnia de agropastores, fixou-se entre os séculos XV e XVI, nas terras altas da Huila, concretamente na região do planalto de Humpata e no Vale Kunene. Também no século XVI, os povos jagas vindos do norte, ocuparam o mesmo território, juntando-se assim aos Nhaneka-humbi.

Ao contrário de muitos dos seus vizinhos do norte, este povo sempre tendeu a resistir às influências exteriores, sobretudo europeias. Os seus subgrupos são: os ndongenas, os ngambos, os humbes, os handas, os hingas, os kuankuas, os kipungos, os kilenges-humbes, os kilenges-musos e os muílas.

Ambo ou Ovambo, é um pequeno grupo que habita as planícies secas a leste do Ku-

nene. A exemplo dos povos Nhaneka-humbi, para este povo também, o gado constitui uma parte importante da vida, embora se envolvam mais na agricultura do que os seus vizinhos helelo. Os povos ambos de Angola, para quem as fronteiras modernas parecem não significar nada, deslocam-se com regularidade para dentro e fora do território da Namíbia. Os mais fortes e famosos membros do grupo etnolinguístico ambo, são os Kwanyamas, pois resistiram à autoridade portuguesa durante mais tempo do que a maior parte dos seus vizinhos africanos. Só em 1915 participaram nas derradeiras batalhas de resistência, com os seus armagedões tribais travados no deserto de Angola. Além dos kwanyamas, fazem também parte, os evales, os dombandolas, os Kafimas e os kwamatos.

Helelo ou Ovahlelo, vindos do leste de Angola, atravessaram a região planáltica e fixaram-se nas actuais províncias da Huila ou Wuila, de Moçamedes e de Benguela. Os povos helelos, dão grande valor ao gado, não apenas no sector económico, mas também para o seu sistema cultural de valores. A semelhança dos povos bantu lunda-cokwes e ambo, os helelos também são povos transfronteiriços, visto que partilham a mesma identidade de origem e os mesmos traços culturais com as comunidades helelos da Namíbia. As etnias que integram o grupo são, os imbas ou ndimbas, os dombes, os hakavonas, os kuvale, os kwanhokas, os ngendelengos.

Xindonga ou Ovandonga, tra-

ta-se de um outro grupo etnolinguístico africano transfronteiriço. Habita o sudeste e parte do sudoeste de Angola, nomeadamente, as províncias de Cuando Cubango (Kwandu Kubangu) e de Cunene (Kunene). Possui igualmente, várias comunidades no território da Namíbia. Os principais subgrupos são: os mukusus/kusus ou mbukuxis, os dilikus ou diricos, os sambios, os kuangalis ou cuangares e os maxiku.

A colonização do território angolano por parte de Portugal, terminou em 25 de Abril de 1974, após uma luta pela autodeterminação que teve uma duração de 13 anos, desencadeada pelos três movimentos de libertação nacionalistas: MPLA, FNLA e UNITA. A proclamação da independência, ocorreu no dia 11 de Novembro de 1975.

A guerra civil que se seguiu à independência, impediu o crescimento da taxa de natalidade e o progresso do país, paralelamente, estimulou ainda mais a mobilidade dos povos e a miscigenação ou mescla. Durou 27 anos, e terminou em Abril de 2002.

Na realidade, além da existência em abundância de casamentos entre pessoas de raças e etnias diferentes, um número considerável de cidadãos, ovimbundus, bakongos, cokwes, kwanyamas, por força da guerra, fixou-se na província de Luanda.

Outrossim, tem sido também evidente o crescimento exponencial da população muçulmana (mauritanianos, eritreus, etíopes, ivorienses, senegaleses, malianos, nigerianos, etc.), e da população congole-

sa vulgo “langas ou zairenses”. O crescimento da população congoleza, verifica-se principalmente nas províncias de Luanda, de Cabinda, do Zaire, do Uíge, das Lundas Norte e Sul, e do Bié.

De acordo com o recenseamento geral da população e habitação, realizado de 16 a 31 de Maio de 2014, à luz da Lei 3/11 de 14 de Janeiro, Lei do Sistema Estatístico a nível do território nacional, a população angolana é de 25.789.024. No entanto, dados mais recentes estimam-na em 34 milhões de habitantes.

As comunidades mais numerosas são: Ovimbundu 37% , Ambundu 25% , Bakongo 13% , Lunda-cokwe 8% , Nhanekahumbi 5% , Ambo 3% Mestiços 2% , europeus 1% , etc.

Concluindo, apesar dos dados estatísticos, da miscigenação e, da presença de povos europeus e asiáticos, o território angolano continua a ser habitado maioritariamente por populações negróides africanas. Todavia, atendendo aos factos históricos (migrações lentas e continuadas de agrupamentos humanos congolezes), e da sua inserção perfeita na sociedade angolana, bem como do grande golpe que a língua “lingala”, deu ao kikongo, ao suplantarem o seu número de falantes, podemos asseverar, sem medo de errar, que já é tempo, de se rever o estatuto étnico das populações congolezas ou conguesas no território angolano, ou então rever caso seja necessário, alguns pressupostos da Conferência de Berlim, que gerou fronteiras artificiais rígidas.

Por outra, nas línguas africanas, o nome de um indivíduo ou de uma localidade, espelha sempre um significado. Por essa razão, devem ser escritos de acordo com a sua essência ou aceção. Tal como Nova Iorque ao invés “de New York”, não diz nada à um cidadão norte-americano ou britânico, as palavras, Elavoco, Dala, Cativa, Bié ou Bailundo, historicamente podem ser encaradas na lógica de estrangeirismo. Uma vez que também perderam a sua alma e o seu sentido tradicional, por isso, não dizem nada ao povo africano. Ao passo que, as palavras Elavoko, Ndala, Viye, Mbalundu, Kalunga, Kativa, Kasanje, Lukau, Luvuvamu, Ngola ou invés de Angola, geram automaticamente uma interpretação cultural.

A deturpação da toponímia e da antroponímia africana durante a dominação europeia, desvirtuou vários conceitos tradicionais. Cabe por esse motivo, aos historiadores e aos antropólogos, a reposição da verdade histórica.

A pesquisa é basicamente histórica. Assentou na revisão bibliográfica, documental, e na observação participativa, junto de alguns grupos étnicos, destacados na investigação.



Tenente Coronel - Castilho Neto Kassandji
Chefe de Cátedra de História e Antropologia

A LOGÍSTICA ENTRE VITÓRIAS E DERROTAS

PARTE 1

ARTIGO

Por: Capitão - Belmiro L.C. Fernandes & Capitão - Franklin B.S. Raimundo



Na foto: Logística actuando em campanha

Desde os tempos bíblicos os líderes militares já faziam recurso à logística. As guerras eram longas, geralmente distantes e eram necessários constantes deslocamentos de recursos. Para transportar as tropas, armamentos e carros de guerra pesados aos locais de combate, eram necessários planeamento, organização e tarefas, fazia-se uso de uma rota, transporte, armazéns, distribuição de equipamentos e alimentos.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as forças em conflito necessitavam, para avançar as suas tropas, de capacidade logística (poder), de forma a movimentar e manter grandes quantidades de soldados e mantimentos nas frentes de batalha da Europa e da Ásia. A Guerra do Golfo, em 1991, representou o maior movimento de tropas e materiais no mais curto espa-

ço de tempo da história militar e ficou como um marco na história da aplicação do raciocínio logístico dentro de um período limitado de tempo, o que fez da operação «Tempestade no Deserto» um dos conflitos militares mais marcantes da história da humanidade. No presente trabalho procuramos apresentar indícios do papel da logística nas vitórias e derrotas em guerras que marcaram a nossa história, de forma a despertarmos os líderes e estudantes da arte militar para uma nova visão sobre esse importantíssimo asseguramento.

Muito temos estudado sobre as guerras e sempre nos esquecemos do papel que tem a logística para se alcançar os objetivos estratégicos. Temos sido por negligência napoleónicas ao não dar a devida medida ao asseguramento mais importante, não só para o combate, mas para a vida.

Vivemos dias de pressão, devi-

do ao conflito entre a Rússia e a Ucrânia, despertando antigos fantasmas sobre as guerras mundiais. Os países estão de novo preparando-se para uma possível terceira guerra mundial e desde esse momento podemos evidenciar o papel da logística para se alcançar uma elevada prontidão combativa.

Como vimos nos noticiários, antes da invasão da Ucrânia pela Rússia, os Estados Unidos da América (EUA), alertavam a Ucrânia sobre a intenção da Rússia, avaliando para além do número de tropas no exercício militar, a organização logística, factos que desmascaravam as verdadeiras intenções da Rússia.

Angola não pode estar alheia a essa situação, estando obrigada desde agora a mudanças de paradigmas para que esteja ao nível das novas exigências mundiais. Sendo parte da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC) e dos

Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), deve estar à altura de fazer face às adversidades a que está sujeita, para tal deve começar por uma preparação logística eficiente, com base no avanço tecnológico e de preparação dos especialistas.

Entender o papel da logística nas guerras passadas, preparar o presente e perspectivar o futuro, é um método de sobrevivência. Por isso, apresentamos nesse trabalho de investigação, trechos da história da logística entre as vitórias e as derrotas.

Existem duas origens mais conhecidas para o termo e o significado de logística da forma como conhecemos hoje. Ambas estão intimamente relacionadas às guerras e à preparação necessária para dar conta desses momentos. A Grécia Antiga é a primeira suposição do local de origem da logística. Nesta região foi onde surgiu o termo “logistikas”, que significa cálculo e raciocínio no sentido matemático. Em derivação desse termo, os militares responsáveis pelos assuntos financeiros e pela distribuição de suprimentos em meio às batalhas, eram chamados de “logistikos”. Nos Impérios Romano e Bizantino também era usual essa nomenclatura. A segunda origem vem do verbo francês “loger”, que significa alojar ou acolher, e deu origem à palavra “logistique”. O termo passou a ser utilizado nos estudos do teórico Barão Antoine Henri Jomini, militar que estudou a guerra, dividindo-a em 5 grandes partes: estratégia, grandes táticas, logística, engenharia e táticas menores. Com essa divisão, ficou defi-

nida logística como “A arte de movimentar exércitos”.

A Logística segundo Jomini
As reflexões em torno do conceito de “Logística Geral” que segundo a definição adoptada por Jomini, abrange tudo aquilo que não diz respeito a conduta das batalhas e combates, pois o autor considera que a logística é uma função a desenvolver prioritariamente pelos Estados-Maiores, visando alojar os Exércitos, dirigir as colunas e coloca-los no terreno de acordo com preceitos militares básicos. Porém, os contributos napoleónicos fizeram com que as movimentações dos Exércitos se tornassem cada vez mais complexas e as responsabilidades dos estudos dos Estados-Maiores mais abrangentes e necessários. Neste contexto, o Chefe de Estado-Maior constituía-se na entidade primariamente responsável pela comunicação das ordens do comandante, pelo fornecimento dado a este no intuito de alicerçar as suas decisões e de vigilância do cumprimento das suas ordens, constituindo a logística a ciência do Estado-Maior onde a aplicação de todos os conhecimentos militares, se tornavam predominantes e estrategicamente vitais para o sucesso da batalha (Jomini, 1977, 271-279)

A LOGÍSTICA QUANTO A GEORGE THORPE

Thorpe foi Oficial da Marinha norte-americana, combateu na guerra hispano-americana e na guerra filipino-americana e após se aposentar, trabalhou como autor e advogado. Foi um dos primeiros a abordar a logística militar afirmando que a estratégia e a tática favorecem a condução das operações, mas

a logística proporcionava os meios. Deste modo, pela primeira vez, ela foi colocada no mesmo nível da estratégia e da tática.

“... a estratégia e a tática proporcionam o esquema da condução das operações militares, enquanto a LOGÍSTICA proporciona os meios”.

“... a estratégia está para a guerra como o enredo está para a peça; a tática é representada pelo desempenho dos artistas; e a logística fornece o cenário, a roupagem, os acessórios e os próprios artistas”.

(GEORGE CYRUS THORPE) A compreensão do sistema logístico como elemento estratégico

O uso da palavra logística começou, com efeito, em 1917 pela publicação do livro “Logística Pura: a ciência da preparação para a guerra” do Tenente Coronel George Cyrus Thorpe. Mesmo com o alvoroço causado pela entrada dos EUA na I Guerra Mundial em Abril de 1917, George Thorpe notou certa indiferença no silêncio dos especialistas militares sobre o termo Logística. Apesar de ter criado as bases que no futuro seriam usadas por especialistas da área para formular os fundamentos conceituais da logística, a sua obra não atraiu a atenção. Mas, a logística provou sua importância. Ela foi fundamental para que os americanos em pouco tempo enviassem mais de um milhão de soldados, bem armados e equipados, para lutar na Europa causando muita admiração entre os britânicos e os franceses.

“... antes da luta em si, uma batalha é ganha ou perdida pelos serviços de logística”.

A INTERNET EM ANGOLA BURLAS ONLINE

ARTIGO

Por: André Veloso Nguende Mabiondo
Editor de Imagem da Rep. Ed. Patriótica
do Instituto Superior do Exército (ISE)

A Internet é a tecnologia decisiva da Era da Informação, tal como o motor eléctrico foi o vector de transformação tecnológica da Era Industrial. Esta rede global de redes de computadores, hoje baseada em grande parte em plataformas de comunicação sem fio, oferece uma capacidade omnipresente de comunicação multimodal e interativa no tempo escolhido, transcendendo o espaço. No coração destas redes de comunicação a Internet assegura a produção, distribuição e utilização de informação digitalizada em todos os formatos.

Ela tornou o mundo num lugar mais pequeno. Também ajudou as pessoas a se tornarem mais anónimas em suas interações com outras, o que criou um certo nível de conflito que não existia no passado. Com a evolução da internet e da tecnologia, muitas empresas e indivíduos têm beneficiado com o que ela oferece. No entanto, apesar das vantagens que a internet trouxe à humanidade, também há potenciais inconvenientes, a destacar: pessoas de má fé que a usam para crimes e burlas online.

Nos últimos tempos vivemos e ouvimos inúmeros relatos de crimes e burlas pela Internet, segundo Manuel Halaiwa (porta-voz do SIC), entre Janeiro de 2019 a Maio do corrente ano, aumentou o número de crimes de burla cometidos com recur-

so à informática e às novas tecnologias de informação, sobretudo as redes sociais mais usadas no país, com destaque ao Facebook e WhatsApp.

No contexto dos crimes e burlas online mais praticadas estão em destaque:

Burlas no comércio eletrónico: muitas vezes, associadas a websites de compras/vendas e páginas no facebook de vendas online que disponibilizam serviços em que os utilizadores podem adquirir bens;

Burlas bancárias: associam-se, com frequência, a esquemas de phishing, decorrendo através de e-mail, mensagens ou ligações fraudulentas que imitam a comunicação realizada pela entidade bancária dos destinatários; neste âmbito, esses destinatários podem ser persuadidos da necessidade de introdução dos seus dados bancários que, deste modo, ficam disponíveis para serem utilizados pelo autor da burla;

Perfis Falsos: é criada uma conta falsa em nome de aplicativo Multicaixa Express ou empresas públicas (privadas e estatais), Bancos etc, com finalidade de solicitar actualização de dados pessoais e bancários.

QUEM É A VÍTIMA?

Qualquer pessoa pode ser vítima de burlas online, visto que hoje digitalizamos todos os serviços bancários, quase já não vamos ao Banco, porque carregamos os serviços de Multicaixa Express e Internet Banking nos smartphones, facilitando

assim qualquer movimento bancário a partir de casa.

CONSEQUÊNCIAS

Embora os efeitos ao nível psicológico variem de pessoa à pessoa, de acordo com diversos fatores e com o tipo de burla, alguns sintomas mais comuns são: medo, ansiedade, raiva ou desconfiança constante e prolongada, por vezes descrita como “paranoia”. Muitas vítimas de burlas online percebem ainda como violada ou desrespeitada a sua privacidade, sentindo-se desamparadas, impotentes e receosas de que o crime se repita.

COMO SE PREVENIR?

Não fornecer informação pessoal ou dados bancários através de e-mail, mensagens, chamadas e/ou websites não solicitados, mesmo que o pedido pareça proveniente de entidades legítimas. Em caso de dúvida, antes do fornecimento de qualquer dado, deverá contactar-se a referida entidade.

RECOMENDAÇÃO

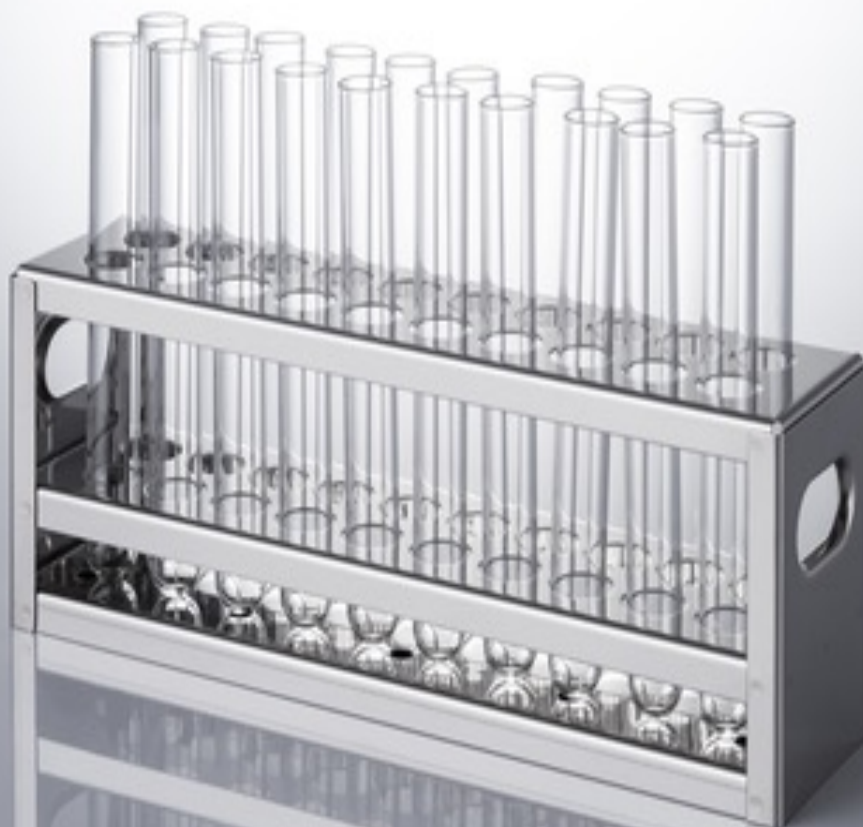
Quando isso acontecer, aconselho a denunciar ao piquete do SIC (Serviços de Investigação Criminal).



André Veloso Nguende Mabiondo
Editor de Imagem da Rep. Ed. Pat/ISE

INTRODUÇÃO DE ACTIVIDADES EXPERIMENTAIS INVESTIGATIVAS NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DA QUÍMICA

Por: Tenente. Moisés Agostinho António da Costa
MSc. Professor de Química da AMEx



Fonte Internet - Tubos de Ensaio e Suporte

O ensino das actividades experimentais de Química, deve permitir a inclusão dos discentes em acções que os motivam no desenvolvimento de habilidades gerais e específicas, o que consiste na elaboração e execução de procedimentos experimentais, me-

diados pelo docente. A sistematização teórica sobre o ensino das actividades experimentais investigativas, admite que a participação activa dos discentes, desenvolve o espírito crítico e autocrítico sobre o experimento químico laboratorial, possibilita maior interacção, proporciona a aprendizagem

flexível, a actividade independente na busca de informações e a execução experimental. As debilidades identificadas constituem pontos fracos para o ensino da Química, visto que inviabiliza a aprendizagem e o desenvolvimento de habilidades intelectuais gerais e específicas nos discentes. Existe

a necessidade dos docentes optarem pelo ensino de actividades experimentais investigativas, para maior inclusão dos discentes, e o aproveitamento das potencialidades teórica-experimentais do conteúdo. Pois, a nível local podem-se elaborar actividades experimentais mais contextualizadas e que tenham mais significado na aprendizagem dos discentes.



A Química é uma forma de pensar e falar sobre o mundo, que ajuda o cidadão a participar da sociedade em que vive, na qual a ciência e a tecnologia desempenham um papel cada vez mais importante. É necessário que o processo formativo ofereça aos indivíduos um sistema de conhecimentos, habilidades e valores que os torne capazes de transformar a realidade. Durante o processo de ensino-aprendizagem, os discentes devem adquirir conhecimentos químicos sólidos que lhes permitam interpretar os avanços científicos e aplicá-los de forma criadora, permitindo-lhes assim solucionar os problemas de diversas esferas da vida.

Hedesa (2011), afirma que “a formação tem os seus pilares na substância e as suas transformações, sendo que, a melhor forma de compreender a transformação das substâncias é mediante a actividade experimental” (p. 78). A investigação

científica aborda em diferentes pontos de vista os experimentos químicos. Araújo e Abib (2003), “classificam as actividades experimentais em actividades de demonstração, de verificação e de investigação” (p. 194). “Nas actividades experimentais de verificação é o docente que identifica o problema, que conduz as demonstrações (fora de um contexto de problematização) e dá instruções directas, tipo receita durante a actividade experimental” (Cachapuz, 2005, p. 100). Enquanto que, para Oliveira (2010), “as actividades experimentais demonstrativas são aquelas nas quais o docente executa o experimento enquanto os discentes observam os fenómenos ocorridos na actividade experimental”.

Miguel e Moya (1997), citados por Gaila (2016), consideram necessário redesenhar os experimentos de classe que em ocasiões se planificam nos programas, de modo que podem realmente constituir problemas experimentais a resolver e não simplesmente recepção de uma técnica operativa já desenhada, pelo que nada contribui para estimular o desenvolvimento da aprendizagem. De acordo com Sá e Varela (2004), as actividades experimentais investigativas possibilitam que os discentes manifestem as suas opiniões, quer ao docente, quer ao grupo, possibilitam que levantem hipóteses e contestem entre si e com o docente as ideias previamente existentes e os resultados obtidos. É preciso que as actividades experimentais desenvolvidas nas aulas, tenham carácter investigativo, ou seja, proporcionem aos discentes o

desenvolvimento das capacidades de reflexão sobre fenómenos químicos, articulando seus conhecimentos já adquiridos e formando novos.

O impacto do ensino das actividades experimentais (AE) não está na beleza dos fenómenos químicos observados, como o aparecimento de cores, a liberação de gases, a formação de precipitados, o aquecer do recipiente, o movimento de partículas, a combustão das substâncias, as transformações, ou a capacidade do docente em saber fazer. Boas aulas experimentais não se limitam ao que o docente bem sabe fazer, verificar e demonstrar, mas sim na capacidade de tornar o discente num ser activo e interactivo na construção do conhecimento.



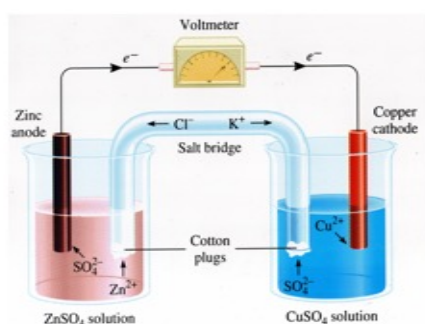
ENSINO DAS ACTIVIDADES EXPERIMENTAIS INVESTIGATIVAS DE QUÍMICA

A Química tem potencialidades para desenvolver nos discentes uma série de habilidades intelectuais gerais e específicas, entre estas encontram-se as habilidades para o trabalho independente, (planear, levantar hipóteses, elaborar procedimentos, executar procedimentos a análise e a discussão dos resultados). A realização da actividade experimental investigativa (AEI), vincula o conteúdo prático para a vida, desenvolve

capacidades cognitivas, a iniciativa pessoal, o espírito de investigação e o hábito de estudo nos discentes. Mediante o ensino da AEI no ensino da Química, os discentes aprendem a planear e a realizar experiências, cujos resultados lhes possibilitam compreender o conhecimento teórico e assimilar conceitos, leis, princípios e teorias químicas, que depois são aplicadas na resolução de diferentes problemas.

A realização da AEI no ensino da Química, deve incluir uma série de operações mentais, tendo em conta os métodos de trabalho independente, trabalho em grupo e o método investigativo. No presente estudo dá-se maior ênfase ao método investigativo para permitir maior participação dos discentes na planificação, levantamento de hipóteses, elaboração de procedimentos, a execução, análise e discussão dos resultados do ensino da AEI de Química. O método investigativo representa o nível mais alto da assimilação de conhecimentos. Além da apreensão activa de conhecimentos, este método, permite relacioná-lo com o método das ciências e com as etapas do processo de co-

nhhecimento, desenvolvimento do pensamento criativo. Com este método a actividade experimental toma um carácter de busca de conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades intelectuais dos discentes e prepara-os para a solução de problemas reais da vida.



ASPECTOS DA ACTIVIDADE EXPERIMENTAL INVESTIGATIVA DE QUÍMICA

Os aspectos a ter em conta na realização da AEI pressupõe os seguintes: busca de informação necessária à realização da AEI, formulação de hipóteses, planificação da AEI, elaboração de procedimentos, execução dos procedimentos e a análise e discussão dos resultados.

A busca de informação necessária a realização da AEI, consiste no levantamento bibliográfico que se realiza a partir do material didáctico, na obtenção de informações, que

permite colmatar certas insuficiências do domínio teórico e obter noções sobre aspectos do planeamento da actividade experimental (AE). É uma fase de busca, onde procura-se relacionar os aspectos teóricos da prática experimental, as leis, princípios a serem estudados na execução da AEI.

Os aspectos a ter em conta na realização da AEI possibilitam, o enquadramento do discente, que precisa ser orientado para chegar ao alcance dos resultados. É uma maneira de orientar e perceber que passos devem ser seguidos nas fases subsequentes. Permite ao discente, desenvolver hábitos, habilidades e competências de execução, melhorando assim a compreensão e execução da AEI, habilidades manipulativas e intelectuais.

METODOLOGIA E TRATAMENTO DE DADOS

Os dados foram obtidos com a aplicação de inquérito a 105 discentes da 12ª Classe do curso de Petroquímica, Análises e Controlo de Qualidades e a 8 docentes de Química, os quais foram inquiridos sobre o ensino da actividade experimental de Química.

Indicadores Sobre o Ensino das Actividades Experimentais de Química
Gráfico nº1-Resultados da participação na actividade experimental de Química.



Definitivamente não (D. N); Provavelmente não (P. N); Não Tenho certeza (N. T. C); Provavelmente Sim (P. S); Definitivamente Sim (D. S).

Debilidades: pouco aproveitamento da busca de informações da actividade experimental, elaboração de hipóteses, planificação da actividade experimental, elaboração de procedimentos, execução de pro-

cedimentos e a falta de análise e discussão dos resultados.

OBSERVAÇÕES FEITAS DAS AULAS EXPERIMENTAIS

De maneira geral, constatou-se que existe fraca participação dos discentes no processo de

concepção e execução da actividade experimental, o que empobrece o nível de aprendizagem, o desenvolvimento de habilidades específicas e gerais, e a formação de competências.

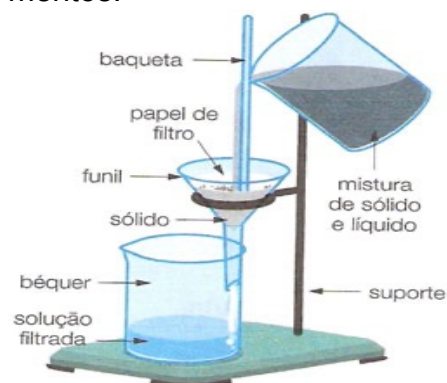
Tabela nº 3-Frequência das observações feitas na aula experimental (pag. 57).

Turmas	Indicadores				
	Participam na planificação	Levantam hipóteses	Elaboram procedimentos experimentais	Executam procedimentos experimentais	Analisam e discutem resultados
Petroquímica 1	3	11	13	14	15
Petroquímica 2	5	8	10	9	11
Análise e C. de Qualidade	3	9	10	11	12
Total	11	28	33	34	38

Segundo diferentes autores consultados no presente estudo, o ensino das actividades experimentais investigativas de Química remete o docente ao uso de métodos que permite o desenvolvimento de habilidades intelectuais gerais e específicas. As actividades experimentais investigativas têm mais impacto na aprendizagem da Química, vencendo as barreiras e medos que causam o laboratório; incentiva a participação activa na planificação e execução dos experimentos, o que estimula a busca de conhecimentos em todos os momentos.

feitas nas aulas experimentais, permitiu constatar insuficiências na execução, a falta de habilidades gerais e específicas; as bases de conhecimentos sobre o planeamento são fracas, há insuficiências na elaboração de procedimentos, o que está directamente vinculado com o fraco empenho dos discentes, a compreensão dos fenómenos químicos e a fraca aprendizagem dos conteúdos.

a fim de permitir aos discentes enfrentarem as barreiras da aprendizagem, criem interesse em aprender, facilitar a produtividade e estimular a troca de experiências. Explorar cada vez mais os documentos curriculares, os diários, dos mais antigos aos mais actualizados, os currículos de ensino, para se perceber as novas tendências educacionais e as perspectivas para o futuro, os objectivos programados por cada subsistema de ensino, assim como o perfil de saída de cada nível de ensino.



A análise dos resultados referentes às opiniões dos discentes, docentes e às observações

O que compromete a formação de competências necessárias, para o uso do laboratório como ferramenta de ensino da Química e melhorar o perfil de saída dos discentes, permitindo dar soluções aos problemas experimentais no ensino das ciências.

Generalizar a introdução de actividades experimentais investigativas em outras escolas do II Ciclo do ensino secundário,



Tenente - Moisés Agostinho António da Costa, MSc. Professor de Química da Academia Militar do Exército. Cátedra de Física, Química e Biologia. Departamento de Ciências Exactas e Naturais.

A IMPORTÂNCIA DO TREINO PARA A LIDERANÇA EM CONTEXTOS EXTREMOS

Por: Ten. Coronel - Renato Emanuel Carvalho Pessoa dos Santos
Assessor Português



Fonte Internet - Ilustração de Liderança

Dada a grandeza, a complexidade e a natureza da missão das Forças Armadas, a liderança está sempre presente, sobretudo em contextos onde se verificam situações extremas (Kolditz, 2007). Considera-se LIDERANÇA MILITAR como a arte de influenciar e dirigir os militares de maneira a obter a obediência voluntária, confiança, respeito e cooperação leal para cumprir a missão (Headquarters Department of the Army [HDA], 2019). Esta definição diferencia-se do con-

ceito de COMANDO, sendo este descrito como a autoridade conferida a uma pessoa, por lei e pelos regulamentos, para dirigir, controlar e coordenar determinadas forças militares, enquadrada pela sua responsabilidade inerente, a qual não pode ser delegada (Instituto dos Altos Estudos Militares [IAEM], 1977).

Vieira (2002) refere quatro fatores gerais que estão sempre presentes nas acções de liderança: O líder, o liderado, a comunicação e a situação. Numa dada situação, compete

ao líder comunicar, gerar e preservar a motivação nos seus seguidores para participarem enérgicamente no cumprimento da missão (Vieira, 2002), podendo assim, considerar a liderança em ambiente operacional como um elemento do poder que agrega as várias funções do combate (HDA, 2019) e tão necessária para contextos altamente complexos e adversos. Em relação à liderança em contextos extremos, esta pode ser perspectivada como um conjunto de “processos adaptativos e administrativos para

influenciar os outros a compreender e concordar sobre o que precisa ser feito e como fazê-lo, e como o processo de facilitar esforços individuais e coletivos para cumprir objectivos e propósitos compartilhados sob condições em que uma magnitude física extensa e intolerável, consequências psicológicas ou materiais podem exceder a capacidade de uma organização para se opor e ocorrer para ou na proximidade física, social, cultural ou psicológica de membros da organização” (Hannah et al., 2009, p.913).

A liderança em condições extremas também é caracterizada por estar repleta de riscos e perigos, como o risco da própria vida, onde as tarefas, os desafios e o contexto são frequentemente desconhecidos (Soeters & Bijlsma, 2017), onde existe uma ausência de informação, requerendo uma avaliação geral imediata da situação que está a acontecer, o que afetará as decisões tomadas e o bem-estar físico e psicológico dos intervenientes (Rosinha et al., 2017)

TREINO PARA LIDERANÇA EM CONTEXTOS EXTREMOS

Várias são as fontes de stress inerentes às missões de combate (Barbudo, Francisco & Santos, 2014), como o ritmo e intensidade das exigências operacionais (Chandra, Burns, Tanielian, & Jaycox, 2011, 2011), a privação de sono (Andres & Coulthard, 2015), o testemunhar de atrocidades (Johnson et al., 2007), que podem incluir mortes ou lesões de camaradas (Harms, Kraskova, Vanhove, Herian, & Lester, 2013), e/ou enfrentar situa-

ções de risco de vida (Andres & Coulthard, 2015). Neste contexto, a liderança é essencial na condução das missões, sobretudo para o comando e controlo, pois as exigências das situações vividas podem ter influência adversa na relação entre os líderes militares e os subordinados (Rosinha et al., 2017). Aos militares, segundo os mesmos autores, é-lhes pedido que desempenhem uma multiplicidade de missões que incluem patrulhas, controlo de motins e garantia da segurança e protecção do público e das infraestruturas. Isto significa mudanças constantes nos papéis, que exigem agilidade e adaptabilidade por parte dos líderes militares. Significa que em operações é requerido ao líder que decifre os factores do contexto que afetam a situação, avaliando e adaptando a sua atuação, com base nas interações com o ambiente (HDA, 2019). Durante estas operações militares, liderar pelo exemplo, sem medo de correr riscos ou mesmo sacrificar a própria vida, é um acto nobre de qualquer líder, onde a tarefa crítica é o cumprimento da missão, mantendo ao mesmo tempo a preocupação de ter o seu grupo unido (Rosinha et al., 2017).

Estes contextos altamente adversos contêm sempre falta de clareza e momentos de incerteza, o que significa que a preparação e treino são indispensáveis para o sucesso (Soeters & Bijlsma, 2017). As formações e programas de treino para desenvolver a liderança têm como objectivo capacitar os participantes para o cumprimento eficaz de uma determi-

nada missão/tarefa/actividade (Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento, 1999). Ou seja, a intenção destes programas é garantir que os participantes sejam capazes de atuar com eficácia nas suas funções envolvendo-se em comportamentos de liderança bem-sucedidos, que apoiem o desenvolvimento da equipa (Day, 2001). Assim, preparar subordinados para o combate é o dever mais importante do líder, e essa preparação envolve o treino com condições seguras para aprendizagem e para o crescimento individual e coletivo através da simulação das condições que irão enfrentar na missão (HDA, 2019). O treino desenvolve automatismos que são críticos para lidar com as demandas e tensões de situações militares típicas, onde padrões comportamentais baseados em valores e processos de regulação e controlo interno ajudam na orientação necessária em tais situações. Desta forma o treino desenvolve a capacidade de avaliação individual e a autorregulação, de modo que a dependência de factores externos sejam minimizadas, ao mesmo tempo, que incute a necessidade de obedecer às ordens de forma instantânea e sem hesitação (Canadian Forces Leadership Institute [CFLI], 2005). Se a equipa confiar no líder, irá ajudá-lo a cumprir a missão (HDA, 1990). Para a atuação em operações militares, um dos objectivos da formação e treino é desenvolver a proficiência individual e colectiva para determinadas tarefas, por forma a mitigar e neutralizar os efeitos incapacita-

tantes das situações extremas e do stress inerente ao contexto operacional (CFLI, 2005). Treinar em conjunto constrói competência colectiva, confiança mútua e promove a inter-operabilidade (HDA, 2019). O CFLI (2005) identifica cinco linhas orientadoras gerais pelas quais o líder operacional possa alcançar um bom e resiliente desempenho para cumprir a missão: a) desenvolver capacidades individuais e colectivas para o cumprimento das tarefas; b) fortalecer capacidades individuais e colectivas que permitam rápidas adaptações às condições inesperadas (i.e., resiliência individual e grupal); c) incutir o “espírito” militar que concorra para a autodisciplina; d) moldar ou influenciar a sua equipa e as condições situacionais para facilitar ou melhorar o desempenho da tarefa; e e) empregar eficazmente as capacidades individuais e colectivas para cumprir a missão, corrigindo ou compensando quaisquer deficiências que possam restringir o desempenho.

Assim, no treino, e perante determinada tarefa/situação, é ensinado ao líder pensar antes de agir ou reagir. Esta etapa de análise envolve considerar va-

riáveis como a sua força, o inimigo e os fatores situacionais relevantes, reflectindo nas implicações e identificando possíveis tomadas de decisão, i.e., considerar os riscos relativos e as possibilidades de conseguir o sucesso. Já na implementação da intenção, o líder deverá dirigir, motivar, permitindo que a equipa execute sua intenção, utilizando comportamentos de influência para atingir os níveis desejados de comprometimento, esforço e desempenho do grupo (CFLI, 2005). Compartilhar experiências e treinar de forma regular permitem que uma equipa lide com mais sucesso perante as mudanças que advêm das situações inesperadas, pois promovem a coordenação e os procedimentos operacionais que ajudam de lidar com mudanças (HDA, 2019). Para isso é necessário um treino rigoroso e exigente, onde o líder e a sua equipa experimentem mutuamente condições realistas e exaustivas que os irão preparar, como grupo, para o stress das situações extremas no teatro de operações (HDA, 1990).

O treino deve envolver situações críticas e inesperadas promovendo a aptidão mental,

a destreza e pensar e agir “fora da caixa”, pois são criados ambientes seguros, onde os erros podem ser cometidos, i.e., como refere Carmeli (2007), podemos permitir comportamentos de aprendizagem baseados nos fracassos. As próprias equipas precisam de se avaliar regularmente e um líder só terá a confiança da sua equipa, se ele se posicionar como “vulnerável”, um ser humano com posição de liderança (Soeters & Bijlsma, 2017). Na ligação líder-seguidores para atingirem um desempenho leal e resiliente é necessário desenvolver as capacidades/resiliências individuais e colectivas para atingir os objectivos através de adaptações rápidas às condições inesperadas, como incutir o espírito de grupo (CFLI, 2005).



A CULTURA

CONCEITO, ESSÊNCIA E SUA IMPORTÂNCIA NO ÂMBITO DO TRABALHO DE ASSEGURAMENTO MORAL E PSICOLÓGICO ÀS TROPAS

PARTE 1

ARTIGO

Por: Cor. Ernesto João Kalenga
Comandante Adjunto para a Educação Patriótica



Momento Cultural, Cadetes demonstrando danças africanas

Do longo percurso de sua criação, a AMEx tem vindo a justificar, seja para grandes, como para os pequenos eventos decorrentes e da instituição, o valor imensurável do trabalho da Cultura, mormente a parte de entretenimento para com as tropas e não só. Porém, a multidimensional e a componente científica sobre a essência, lugar e a dimensão da “Cultura”, no sentido lato e da Cultura Militar, no sentido restrito, pouco ou quase nada foi e/ou explorado para que a sua configuração nos lineares no Processo Docente-Educativo, fosse meritória.

Esse imbróglio estrutural que se grassou no tempo e frag-

mentou a Cultura, cuja justificativa recai na guerra e na aculturação, foi a razão de um amadurecimento experimental, assim como alvo de pesquisas que, congregados, motivaram-nos para a redacção deste tema. Um «produto» com quem contamos colocar ao dispor do caro leitor, não essencialmente apontado para as realizações e/ou ao desenvolvimento das actividades de entretenimento (produto da cultura) um simples passatempo na AMEx, mas como mais um assunto ligado a um trabalho com artigos de pendor científico e curiosidades sobre a cultura (cultura militar) que também é chamada de «alma do povo», cujo objectivo é fazer crescê-la e expan-

di-la para ocupar o seu verdadeiro lugar.

Para o efeito, realizamos algumas pesquisas e nelas compreendemos que o conceito de cultura nos últimos tempos, vem se tornando polissêmico, tendo em conta a diversidade do mosaico de autores que, desde período do renascimento ou do iluminismo (Século XV) até aos nossos dias (a era do conhecimento), procuram descobrir o mundo e o porque de alguns acontecimentos, assim como pelo facto de a cultura estar sempre em desenvolvimento e que pelo passar do tempo foi sofrendo influências pelas novas maneiras de pensar, de agir, de acções humanas, de comportamento, da

técnica e tecnologia inerentes ao desenvolvimento do ser humano, criando assim diversos segmentos como, por exemplo: cultura da infância, cultura da favela, cultura do homem do campo ou cultura do indígena, do surdo, do cego, entre outros. Aliás, é isso que José Ortega e Gasset (1883/1955) compreendeu, tendo assim definido a Cultura como: "(...) uma necessidade imprescindível de toda uma vida. É uma dimensão constitutiva da existência humana, como as mãos são um atributo do homem".

Como podemos depreender, apesar das diversidades teóricas da concepção do mundo através da Cultura, o certo e ponto de vista convergente é que, ela representa a criação do homem no seu modo de viver cotidiano, aonde alguns traços resistem no tempo e outros são levados pelo mesmo tempo. E nessa de "traços levados pelo tempo" é que nós marcamos o nosso ponto de resiliência e concomitante de resistência para que os conhecimentos sobre a Cultura sejam perenes e contribuam para a preservação da identidade dos povos dessa Nação, no geral e da AMEx em particular.

I. CONCEITOS, DEFINIÇÕES, ESSÊNCIA E TIPOS DE CULTURA

A palavra "Cultura" vem do Latim que etimologicamente significa: lavoura, cultivo, ou seja, é um elemento que deriva da natureza, de sua transformação pela ação humana. Mas com o advento do pensamento pós-moderno o termo cultura se pluralizou, está fragmentado e, portanto, relativizado. O antropólogo Adam Kupper (2002)

observa que só os cientistas norte americanos criaram mais de 150 definições para o termo até a primeira metade do século XX.

A palavra «cultura» também pode significar variados fenômenos sociais que surgem ao longo da história e que caracterizam um tipo de comportamento em diferentes momentos históricos: Marburg, Covid 19, vulcão, telefone, etc.

Assim, para a melhor compreensão do tema, mergulhamo-nos em algumas teorias científicas, sobre o conceito da Cultura:

1. Sociologia: " A cultura é tudo aquilo que resulta da criação humana. São ideias, artefactos, costumes, leis, crenças morais, conhecimento, adquirido a partir do convívio social".

2. Filosofia: a "Cultura é o conjunto de manifestações humanas que contrasta com a natureza ou comportamento natural";

A teoria dessa corrente realça ainda que, a Cultura é uma atitude de interpretação pessoal e coerente da realidade, destinada as posições suscetíveis de valor íntimo, argumentação e aperfeiçoamento.

3. Antropologia: "A cultura é compreendida como a totalidade dos padrões aprendidos e desenvolvidos pelo ser humano". Este tipo de cultura tem como objetivo representar o saber experiente de uma comunidade, saber obtido graças à sua organização espacial, na ocupação do seu tempo, na manutenção e defesa das suas formas de relação humana.

A mais recente teorização da antropologia, define "a cultura como um conjunto que reúne

todas as formas de conhecimento, todas as crenças e tipos de moral de um povo, todas as tradições e costumes que são manifestados por um grupo social".

Estas manifestações constituem aquilo que é denominado como a sua "alma cultural", os ideais estéticos e diferentes formas de apresentação.

4. Na perspectiva marxista, na atualidade, demanda um esforço no sentido de relacioná-lo com a história da humanidade, relativamente a formação do ser social. Para o efeito, os autores marxistas tiveram em conta a relação entre o ser humano e natureza, ou seja, levaram em conta o trabalho «como acção do ser humano que transforma o meio modificando-o e modificando-se e, com isso, produzindo cultura».

A propósito Lukács (1966), remata que "só é possível compreendermos correctamente a cultura se não a desvincularmos das relações de produção e reprodução da existência humana". Por essa razão, no vocabulário brasileiro a Cultura está definida como um "conjunto dos traços característicos do modo de vida de uma sociedade, de uma comunidade ou de um grupo, ai compreendidos os aspectos que se podem considerar como os mais quotidianos, os mais triviais (algo que é conhecido por todos, algo comum, uma banalidade) ou os mais inconfessáveis".

• CULTURA DE ENTRETENIMENTO

Segundo alguns autores, a cultura de entretenimento é um "produto da cultura" ou seja, é qualquer acção, evento ou actividade com o fim de entreter e

suscitar o interesse de pessoas ou grupos. O que entretém, diverte e distrai, isto é, aquilo que é feito como diversão ou para se entreter as pessoas ou grupos.

a. ESSÊNCIA DA CULTURA:

Tal como ficou explícito em algumas teorias científicas abordadas na nossa página introdutória, assim como nos conceitos, a essência da cultura está relacionada a Crenças, valores materiais e imateriais, instituições e regras morais que permeiam e identificam uma sociedade com características próprias, a «Cultura». Segundo Duarte e Martins (2012), é a atividade humana acumulada, envolve a acção do ser humano e sua relação com a natureza, para produzir sua existência.

O termo «Cultura» vem do latim que etimologicamente significa: lavoura, cultivo, ou seja, é um elemento que deriva da natureza, de sua transformação pela acção humana.

b. TIPOS DE CULTURA NA VIDA DOS POVOS

No sentido lato, a totalidade diversificada de tribos espalhadas pelo planeta terra, tipificam as culturas dos povos pois que, em cada uma das tribos, distribuídas de clã às sociedades modernas, tem a sua essência cultural com quem se identifica. No sentido restrito, isto em função dos conhecimentos (não acabados) adquiridos sobre o estudo do homem, seja pela sociologia, antropologia, como pelas outras ciências, foram determinados sete (7) tipos de culturas, a saber:

1. Cultura material: aquela que representa o conj.de património cultural e histórico, formado por elementos concretos que

ao longo de tempo foram constituídos pelo ser humano

2. Cultura imaterial: é formada pelos elementos intangíveis. Representa o conjunto de saberes, tradições, técnicas, hábitos, comportamentos, costumes e modos de fazer de um determinado grupo (património cultural: dança, culinária, rituais, lendas, etc.)

3. Cultura Erudita: diferente da Cultura de Massa, essa é resultante do conhecimento adquirido por meio da pesquisa e do estudo dos mais diferentes campos.

4. Cultura Popular- é composta por características que representa uma sociedade;

5. Cultura de Massa: é um conceito relativamente novo que se refere a um conjunto de valores e de ideias que são relacionados a influência das Mídias, em geral e que podem estar associados às notícias, filmes, publicidades, desenhos ou qualquer outro meio de comunicação que atinja a maioria da população, daí o nome de «Cultura de massa», com a finalidade de induzir determinados hábitos de consumo nas pessoas;

6. Cultura Organizacional: está relacionada com o ambiente de uma determinada organização (partidária, filantrópica, empresarial) e inclui as regras e normas que devem ser utilizadas e seguidas pelos seus membros. Essa cultura caracteriza-se por dois elementos essenciais: o Comportamento e o Ambiente/Clima;

7. Cultura Corporal: analisa o comportamento dos seres humanos em seus mais diferentes grupos. Ela reúne as práticas relacionadas ao movimento, como danças, jogos, activida-

des, comportamento sexual e festividades.

Formas de sua apresentação: podem ser listadas algumas modalidades: cinema, dança, exposições, festas de natureza popular, jogos, leituras – especialmente de best sellers = ouvir música, passatempos, pesca, rádio, tetro, televisão, etc

DEONTOLOGIA MILITAR (Cultura/ambiente militar)

Entende-se por deontologia, como ciência dos deveres que associando-a ao adjectivo «militar», significa – ciência dos deveres militares. Falar dos deveres militares implicitamente estaremos a falar dos valores na sua dimensão diversificada e as tradições das Forças Armadas. Embora as culturas civil e militar partilham muitos valores comuns, entre elas existem diferenças significativas.

Por exemplo, enquanto a cultura civil enfatiza a liberdade, a justiça e a individualidade, a cultura militar subestima-os e enfatiza os valores como a disciplina e a abnegação que materializam o imperativo de eficácia militar e sucesso no campo da batalha. Todavia, as duas culturas são interactivas.



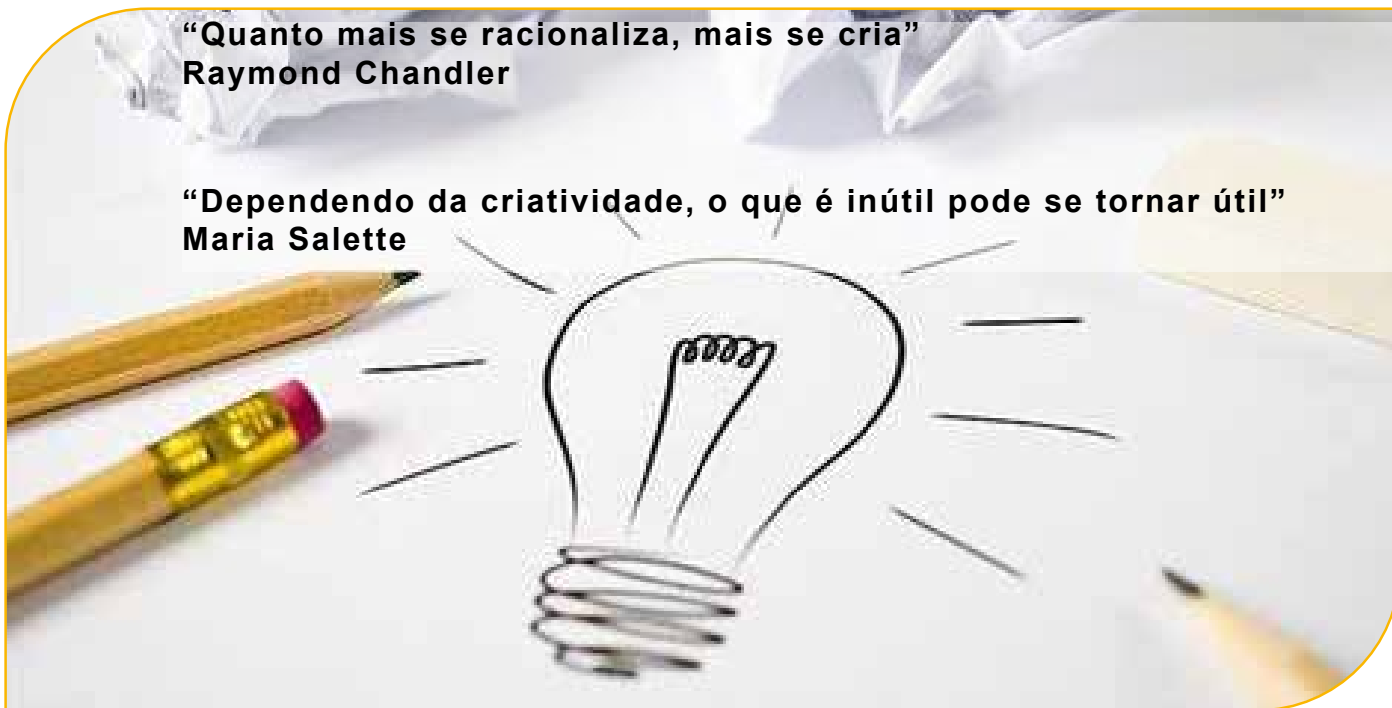
Coronel Ernesto João Kalenga
Cmdte Adj/Educação Patriótica

A CRIATIVIDADE NA FORMAÇÃO

Por: Capitão - Edmar da Silva Paím
Professor de História de Angola

**“Quanto mais se racionaliza, mais se cria”
Raymond Chandler**

**“Dependendo da criatividade, o que é inútil pode se tornar útil”
Maria Salette**



Fonte Internet - ilustração de ideia criativa

Entre os dias 30 de Maio e 3 de junho do corrente ano, 26 docentes frequentaram a primeira Acção Formativa “Capacitação Pedagógica de Formadores/Instrutores”. No final do mesma, os formandos foram submetidos à avaliações que consistiram em ministrar uma Aula Teórica e outra Prática, em que esteve em destaque a criatividade de cada um.

A criatividade, em certa medida, torna a vida em sociedade mais dinâmica e menos difícil. Através dela, por exemplo, surgiu o primeiro dispositivo prático que permite o uso da electricidade para fins de iluminação: a lâmpada.

Em qualquer processo de partilha de conhecimentos e experiências a criatividade ocupa um lugar de destaque para

que, formadores e formandos encontrem soluções pontuais para os problemas emergentes.

«Todos os homens são iguais...». A partir da Déclaration des Droits de l’Homme et du Citoyen produzida na sequência da Revolução Francesa ocorrida em 1789, a igualdade entre os homens, passou a ser exaltada e até grafada na Lei Magna de diferentes Estados. Todos os homens são, de facto, iguais.

O termo «criatividade» tem origem no vocábulo Latino «creare», que transmite a ideia de «criar», «inventar», «inovar», etc.

Diante de uma formação, seja ela académica ou profissional, espera-se que a criatividade não seja descurada a fim de que os objectivos ora traçados

sejam alcançados. Porém, de acordo com as singularidades de cada um, nem todos os homens são criativos.

CRIATIVIDADE. O QUE É?

O Dicionário Priberam apresenta a Criatividade como a “Capacidade de criar, de inventar. Qualidade de quem tem ideias originais, de quem é criativo”. (Cf. <https://dicionario.priberam.org>).

A Criatividade também é vista como a “Capacidade de encontrar soluções novas para um problema ou de produzir novidades nos domínios artístico ou científico”. (Cf. Raul. Mesquita & Duarte. Fernanda, «Dicionário de Psicologia», Plátano Editora, S.A., 1.ª Edição, p. 56).

Enquanto capacidade adquirida, a criatividade aparece sempre associada à inteligência. Ou seja, é necessário algum

conhecimento para que o homem seja criativo, independentemente do contexto.

Entre os homens criativos mais conceituados de todos os tempos emerge o nome de Thomas Edison (1847-1931). Dentre inúmeras invenções de sua autoria, destaca-se uma das maiores invenções humanas: a lâmpada eléctrica incandescente, cujo uso garante a iluminação pública, doméstica, etc.

TIPOLOGIA

Ao se debruçar em torno dos tipos de criatividade, Arne Dietrich considera que “existem quatro tipos de criatividade que podem caracterizar os indivíduos: deliberada e cognitiva; deliberada e emocional, espontânea e emocional; espontânea e cognitiva”. (Cf. <https://limaocravo.blog/2021/09/02/quatro-tipos-de-criatividade-comprovadas-atraves-de-estudos-pelo-neurocientista-arne-dietrich>).

NECESSIDADE

Nas esferas profissional, académica ou até mesmo doméstica, deparámo-nos no dia-a-dia com situações que exigem uma resposta satisfatória. A criatividade é necessária pois, «activa» o génio criador, inventor ou inovador no indivíduo. Ajuda a exercitar o intelecto, a apresentar soluções inéditas para problemas correntes, a dar resposta a situações complexas com iniciativas originais, a tornar atractivo o que se faz ou se diz, etc.

ALGUNS EXEMPLOS DE CRIATIVIDADE:

MÁSCARA DE PANO

Em Dezembro de 2019 foram registados, na China, os primeiros casos de COVID - 19, causados pelo SARS Cov 2. A doença rapidamente espalhou-

-se simultaneamente em várias regiões do mundo e tornou-se numa Pandemia, ameaçando o bem-estar da Humanidade. Desconhecida a doença e em meio à incertezas, o meio mais eficaz de prevenção e combate era a Máscara (seja a Cirúrgica, a KN95 ou a FFP2). Para os Países paupérrimos, com serviços de saúde débeis, o cenário mostrava-se particularmente pior. Diante da situação, a criatividade deu lugar à confecção massiva das denominadas máscaras de pano. A produção destas máscaras simples, baratas, porém eficazes, em grande escala, ajudou a conter a disseminação da doença bem como a reduzir os índices de Mortalidade.



Figuras 1, 2 e 3 – Máscaras de pano

Fonte: Elaboração própria

TIPÓIA

Em cenários de guerra, uma coisa é certa: combatentes feridos. Muitas vezes o número elevado de mortos em combate é provocado pela falta de assistência oportuna aos mesmos. A ausência de meios para o trans-

lado dos feridos pode agravar o seu estado. Com alguma criatividade é possível encontrar-se uma alternativa. Ainda que, com meios pouco ortodoxos à disposição, como um par de troncos e outro de dólman transporta-se o combatente ferido com alguma comodidade. Cada um dos dólman é abotoado de cima abaixo, com as mangas infra-condilhadas viradas para o seu interior. Dispõem-se os dólman virados um para o outro, de modos que se unam a partir da parte de baixo. Em seguida, enfia-se um pau na entrada da manga de um dos dólman atravessando-o até sair pela manga de outro dólman, atravessando-o, também na mesma direcção. O segundo tronco atravessa as outras duas mangas e estará pronta uma Tipóia improvisada.



Figuras 4 e 5 – Tipóia (verso e frente)

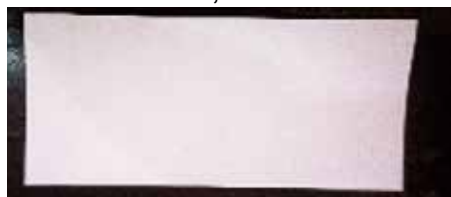
Fonte: Elaboração própria

BARCO DE PAPEL

O formador que deve, por exemplo, administrar uma Aula Prática sobre «Classe de Navios de Guerra», tais como Encouraçados, Cruzadores, Torpedeiros, Destroyers, etc., pode demonstrar aos formandos que apesar dos avanços tecnológicos, os actuais Navios de Guerra possuem um casco com um formato semelhante aos barcos produzidos na Antiguidade (4.000 a. C. – 476 d. C.). Sendo criativo, o formador

pode fazer um barco em apenas 11 passos com recurso à uma única folha de papel de tamanho A4.

1.º Passo: segurar uma folha A4 na posição horizontal e dobrá-la ao meio;



2.º Passo: dobrá-la novamente ao meio a partir da posição horizontal;



3.º Passo: desdobrá-la, apenas uma vez;



4.º Passo: unir as duas extremidades superiores baixando-as, formando um triângulo na parte de cima;



5.º Passo: dobrar as duas partes da folha dispostas abaixo, uma para cima (em frente) e outra para trás;



6.º Passo: dobrar as quatro extremidades laterais de modo a se obter um triângulo uniforme;



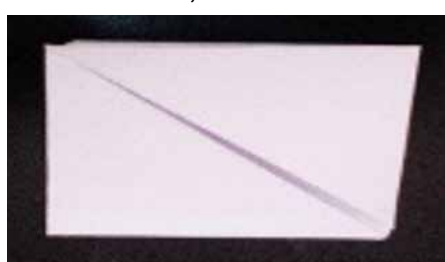
7.º Passo: abrir o triângulo pelo bocal e dobrá-lo sobre si mesmo até se obter um quadrado;



8.º Passo: segurar o quadrado com o bocal virado para cima e pontiagudas, sendo uma para frente e outra para trás, até formar um triângulo menor;



9.º Passo: abrir o triângulo menor pelo bocal e dobrá-lo sobre si mesmo até se obter um quadrado menor;



quadrado virado para baixo, arrastar a partir do topo as duas extremidades até abaixo;



11.º Passo: espalmar o material, ajustá-lo e, em seguida, abri-lo cuidadosamente.



Figuras 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15 e 16 – Passos para a feitura de um Barco de papel

Fonte: Elaboração própria

Concomitantemente, o formador pode ainda servir-se do momento da conclusão da aula para apelar que os «barquinhos» de papel podem ser usados para entreter as crian-

ças, passando-se assim, algum tempo de qualidade com elas. Deste modo desperta-se na criança a criatividade e a importância de actividades lúdicas. Pois, de acordo com Jean Piaget, “A infância é o tempo de maior criatividade na vida de um ser humano”.

Na longa jornada da História Universal ficou registada a «veia criativa» de vários homens. Sob uma perspectiva holística, a criatividade ajudou o homem a encurtar distâncias, a poupar esforços físicos e até a salvar vidas.

Nem todos os homens são criativos mas, não deve ser necessariamente assim. A criatividade pode e deve ser exercitada despertando ou aguçando os génios criativo, inventivo e inovador. Ela promove igualmente o auto-didactismo, podendo beneficiar um indivíduo ou uma colectividade.

Ao nível do Ensino Superior, os docentes, em particular, são chamados a serem criativos a fim de darem resposta a certos problemas institucionais e sociais. A criatividade melhora o modus operandi do docente, podendo revolucionar o sistema de ensino, despertar e fomentar nos estudantes o desejo de aprender.



Capitão - Edmar da Silva Paím
Professor de História de Angola

HERDEIROS DE NETO

“Deixaste-nos uma herança, lutaremos por ela”

Por: Aspirante do V ano: Valentim Andrade de Moniz Elina



Fonte Internet - Centenário do Neto

É hora de falarmos, de escrevermos e de darmos um rumo diferente ao que já estávamos acostumados a fazer. Limitávamo-nos em ouvir os mais velhos quando referiam-se sobre um homem que diferenciou-se de todos os outros na era colonial; alguém que com a sua coragem e determinação ergueu-se e liderou um movimento na direcção certa para luta contra o colonialismo português.

Ouvimos falar de um homem que a 11 de NOVEMBRO de 1975 proclamou solenemente perante a ÁFRICA e o MUNDO a independência de ANGOLA. Alguém que abriu o caminho para que fôssemos um povo unido e soberano. Falaram-nos de um poeta, que em meio aos infortúnios, escreveu, escreveu para um povo afligido, que precisava de liberdade e de identidade; falaram-nos de um Doutor, de um líder que teve um propósito e um sonho, e só morreu depois de o concretizar.

Deixaste-nos uma herança, uma relíquia e um património. Agora é a nossa vez, militares, médicos, professores, jovens e crianças. Agora, é a nossa vez de falarmos sobre ele, de defendermos os seus ideais e de darmos continuidade ao trabalho árduo que ele começou: a unidade nacional. Esta é agora nossa responsabilidade. É nossa vez de honrarmos o seu nome, de fazermos valer a pena as prisões e os sofrimentos enfrentados para demonstrarmos a nossa gratidão com práticas que enalteçam esta nação a um nível jamais visto. Mas do que uma herança, esse homem deixou-nos um legado, uma voz, uma imagem e uma história de superação. Somos herdeiros de uma personalidade irrepreensível, de um homem que primou sempre pela liberdade do seu povo. Somos herdeiros da coragem que um homem demonstrou por ter lutado por nós, defendeu-nos antes mesmo de termos nas-

cidos. Esta herança é minha, é nossa, e ninguém nos pode roubar nunca mais. Lutaremos e defenderemos essa herança, usaremos a sua bravura e o seu sentimento mais profundo de patriotismo como principal arma para salvaguardarmos este bem precioso que ele deixou pra nós: a LIBERDADE, ANGOLA, e o povo ANGOLANO.

Oh! Fundador da nação, seja lá onde estiveres, OBRIGADO!! Em alusivo ao centenário de DR. ANTÓNIO AGOSTINHO NETO



Aspirante - Valentim Andrade de Moniz Elina

XADREZ

A SUA IMPORTÂNCIA NAS INSTITUIÇÕES MILITARES

Por: Tenente Áurio Torres Chipilica Gungui
Professor de preparação técnica na Cátedra de Técnica Auto e Blindada



Fonte Internet - Representação de Xadrez

O xadrez é um jogo de mesa de natureza recreativa e competitiva para dois jogadores. É praticado sobre um tabuleiro quadrado e dividido em 64 casas, alternadamente brancas e pretas. De um lado ficam as 16 peças brancas e de outro o mesmo número de peças pretas. Cada jogador tem direito a um lance por vez. O objetivo da partida é dar o xeque-mate no adversário. A se-

guir vemos as peças organizadas, por ordem de valor:

	1 Rei	0	
	1 Rainha (ou Dama)	9	
	2 Bispos	5	
	2 Cavalos	3	
	2 Torres	3	
	8 pedões	1	

O surgimento do xadrez deu-se no século VI, na Índia, com o nome de shaturanga, que significa “os quatro elementos de um exército”, em sânscrito. Posteriormente, o jogo foi para

a China e para a Pérsia. É da palavra persa shah, que significa rei, que provêm o nome xadrez.

A forma actual do jogo surgiu no Sudoeste da Europa, na segunda metade do século XV, depois de ter evoluído de suas antigas origens persas e indianas. As competições oficiais tiveram início no século XIX, sendo Wilhelm Steinitz, considerado o primeiro campeão mundial. Existe ainda a Olimpí-

ada de Xadrez, o campeonato internacional por equipas realizado a cada dois anos. Desde o início do século XX, a Federação Internacional de Xadrez e a Federação Internacional de Xadrez Postal, organizam eventos que reúnem os melhores xadrezistas do mundo. O actual campeão do mundo (2022) é o norueguês Magnus Carlsen.



GM Magnus Carlsen 2861 | #1 Noruega

Magnus Carlsen é o actual campeão mundial de xadrez. Para muitas pessoas, ele é o melhor jogador da história, embora ainda se fale muito de Garry Kasparov e Bobby Fischer.

PAISES MAIS PRATICANTES DO XADREZ

RÚSSIA

Com 240 Grande-Mestres (GMs), a Rússia é de longe o país com o maior número de xadrezistas com a titulação máxima no xadrez. O xadrez faz parte de um legado cultural deixado desde os tempos da União Soviética. Em uma comparação histórica, o conhecimento sobre xadrez foi desenvolvido com grande velocidade no último século. Os motivos para isso são diversos, mas é facto que os xadrezistas soviéticos foram os principais responsáveis pela evolução das

técnicas do jogo. Basta lembrar dos campeões mundiais soviéticos: Alekhine, Botvinnik, Smyslov, Tal, Petrosian, Spassky, Karpov e Kasparov. Depois do fim da União Soviética, no início dos anos 1990, a Rússia seguiu firme no top do xadrez mundial com Karpov, Kasparov e mais tarde Kramnik.

ESTADOS UNIDOS

Os Estados Unidos aparecem na segunda colocação em número de GMs. Ao todo, 94 xadrezistas estadunidenses alcançaram o feito. De facto, tradição também não falta para o xadrez deste país. Em 1854, Paul Morphy era considerado o melhor jogador do mundo, mas na época ainda não existia um campeonato mundial. Também cabe ressaltar que os Estados Unidos venceram as Olimpíadas de Xadrez em seis ocasiões (1931, 1933, 1935, 1937, 1976 e 2016), sendo, também, os actuais campeões. No entanto, o momento de maior importância do xadrez dos Estados Unidos, foi quando Robert James Fischer foi campeão mundial em 1972.

ALEMANHA

A Alemanha possui nada menos do que 92 GMs. Curiosamente, nenhum deles está acima dos 2700. Destaque para o GM Artur Yusupov (naturalizado alemão). Seus livros já contribuíram para a evolução de muitos xadrezistas. Também é facto que a Alemanha possui uma tradição respeitável no xadrez. Ainda na década de 1850, Adolf Anderssen era um dos principais adversários de Morphy. O alemão Emanuel Lasker dominou o xadrez entre 1894 e 1921.

UCRÂNIA

Com 89 GMs a Ucrânia ocupa a quarta colocação no ranking. O país fazia parte da União Soviética e também aproveitou o legado histórico após a independência em 1991. A Ucrânia já venceu as Olimpíadas em duas ocasiões: 2004 e 2010, estando presente no pódio em diversas ocasiões. Vassily Ivanchuk é o melhor xadrezista da região.

SÉRVIA

Na Sérvia, 57 xadrezistas conquistaram o título de GM. O melhor xadrezista local da actualidade chama-se Robert Markus, 2644. Gligoric, Ljubojevic e Velimirovic são alguns nomes importantes na história do xadrez local. A Sérvia é um país que pertencia a extinta Iugoslávia. A Iugoslávia era um país socialista com grande influência da União Soviética. Por isso, o xadrez recebia muito apoio na região.

O XADREZ EM ANGOLA

No nosso país existe a Federação Angolana de Xadrez (FAX) que é uma entidade oficial que regulamenta e organiza as competições oficiais de xadrez em Angola. Foi estabelecida a 10 de junho de 1979 e filiou-se à Federação Internacional de Xadrez no mesmo ano. Existem também as associações e núcleos provinciais responsáveis por promoverem e massificarem o xadrez a nível local. Os melhores jogadores de xadrez em Angola são os seguintes:

Nº	Nome	Elo	Nascl.
1	Silva, David	2315	1998
2	Miguel, Sérgio	2274	1984
3	Campos, Eugénio	2227	1975
4	Domingos, Catarino	2201	1977
5	Soares, Erikson Roberto Maurício	2183	1992
6	Simões, João	2178	1981
7	Alberto, Manuel	2173	1974
8	Agnelo, Amorim	2152	1977
9	Domingos, Ediberto	2143	1977
10	Dias, Vanderson	2139	1993

O XADREZ NAS INSTITUIÇÕES MILITARES

Considerado por especialistas na área da educação como excelente ferramenta pedagógica, o jogo de xadrez favorece o desenvolvimento de habilidades como o raciocínio lógico-matemático, a memória, a criatividade, a antevisão, a tomada de decisão e o autocontrolo. Além disso, por ser uma actividade com regras bem definidas, também favorece o exercício da ética ao promover o respeito ao oponente e às leis do jogo. Os psicólogos da Universidade de Moscovo, nomeadamente DIACOV, PETROVSKY e RUDIK (1926), foram encarregados pelo governo soviético de investigar o eventual valor educativo do xadrez. Eles verificaram que os xadrezistas são muito superiores à população em geral quanto à memória, imaginação, atenção distribuída e ao pensamento lógico, passando então a recomendar este desporto como um método de auto-desenvolvimento das capacidades intelectuais. (GIUSTI, 1999, p. 123).



Foto: João Lourenço jogando xadrez com uma criança

Tendo a mesma visão o comandante-em-chefe das Forças Armadas Angolanas João Lourenço manifestou o desejo de ver inserido nas escolas primárias o desporto Xadrez,

como forma de levar as crianças a desenvolverem mais cedo a concentração e o raciocínio lógico.

Um grande especialista na área, o neurocirurgião Ítalo Venturelli, defende o xadrez como excelente meio para se estimular os diferentes elos cerebrais e também activar as comunicações químicas e nervosas de transmissão e processamento de informação.

O xadrez na Academia Militar No âmbito militar o xadrez tem grande importância por promover e estimular o desenvolvimento cognitivo dos futuros comandantes de tropas. Por este motivo, deveria merecer maior atenção e massificação em todas as escolas do nosso país com particular realce para as instituições de ensino militar.



Foto: Uma partida de xadrez entre o Tenente Áurio T. Ch. Gungui e o Coronel Júlio M. Tomé.

Na Academia Militar do Exército o xadrez é uma modalidade praticada por cadetes de todos os anos, tendo havido torneios internos e externos alusivos as datas comemorativas da fundação da Academia Militar do Exército, Marinha de Guerra Angolana e Força Aérea Nacional, com bom desempenho dos cadetes nestas competições. Mas há ainda um longo caminho a ser percorrido. Contudo há que reconhecer o esforço que o Senhor Coronel Júlio Missão Tomé, coordenador do

xadrez na Academia Militar do Exército, tem envidado a fim de manter vivo o xadrez neste estabelecimento de ensino militar.

De modo geral a prática do xadrez na Academia Militar do Exército é uma excelente forma de promover o raciocínio lógico-matemático dos cadetes pois a prática do mesmo garante o desenvolvimento da memória, imaginação, atenção distribuída e o pensamento lógico, sendo um bom método de auto-desenvolvimento das capacidades intelectuais do cadete. Em suma, é importante ressaltar que o xadrez é um mecanismo didáctico precioso e até mesmo psicológico.

Assim, pode ser ensinado nos tempos livres dos cadetes, tendo como finalidade provocar ou mesmo facilitar a sua compreensão e assimilação em outras disciplinas. É uma excelente ferramenta e os benefícios dessa prática são essenciais para a compreensão de outras disciplinas, havendo a interdisciplinaridade.



Tenente - Áurio Torres Chipilica Gungui
Professor de preparação técnica na Cátedra de Técnica Auto e Blindada

MALÁRIA

CAUSAS E PREVENÇÃO

SAÚDE

Por: Tenente Coronel - Domingos Romão
Chefe do Posto Médico da AMEx



Fonte Internet - Mosquito infectando um corpo

A malária não é apenas uma doença associada a pobreza, algumas conclusões sugerem que a própria doença seja uma das causas da pobreza e um entrave significativo ao desenvolvimento económico. Embora as regiões mais afectadas sejam as de clima tropical, a maioria atinge também regiões com clima temperado com alterações sazonais profundas. A doença tem vindo a ser associada a efeitos nefastos muito significativo na economia das regiões onde está disseminada.

A pobreza pode aumentar o risco da malária uma vez que aqueles que vivem na pobreza não têm recursos financeiros

para prevenir ou tratar a doença.

Estima-se que o custo global do impacto da malária em África seja anualmente de 12 mil milhões de dólares. O impacto económico engloba as despesas com os cuidados de saúde, dias de trabalho perdidos, dias perdidos na educação, diminuição da produtividade devido as lesões cerebrais como consequência da malária e perda de receitas de investimentos e de turismo.

A doença representa um fardo pesado para alguns países, nos quais é responsável por 30% a 50% dos internamentos hospitalares, até 50% doentes de ambulatório e até 40% da despesa pública.

A malária é uma doença infecciosa transmitida por mosquitos e causada por protozoários parasitários do género plasmódio. Os sintomas mais comuns são a febre, fadiga, vômitos e dor de cabeça. Em casos graves pode causar icterícia, convulsões coma ou morte. Os sintomas começam a se manifestar entre 10 e 15 dias após a picada. Quando não é testado a doença pode recorrer meses mais tarde. Uma nova infecção causa sintomas mais ligeiros. No entanto esta medida parcial pode desaparecer no prazo de meses a anos se a pessoa não for continuamente exposta a doença.

A picada introduz no sistema circulatório do hospedeiro os

parasitas presentes na sua saliva. Os parasitas se introduzem no fígado onde se desenvolvem e reproduzem-se.

Existem 5 espécies de plasmódio que podem infectar os seres humanos. A maior parte das mortes são causadas por plasmódio falciparum. As espécies plasmódio vivax, plasmódio ovale e plasmódio malariae geralmente causam formas mais graves de malária que raramente são fatais.

A espécie plasmódio Knowlesi raramente causa doença em seres humanos.

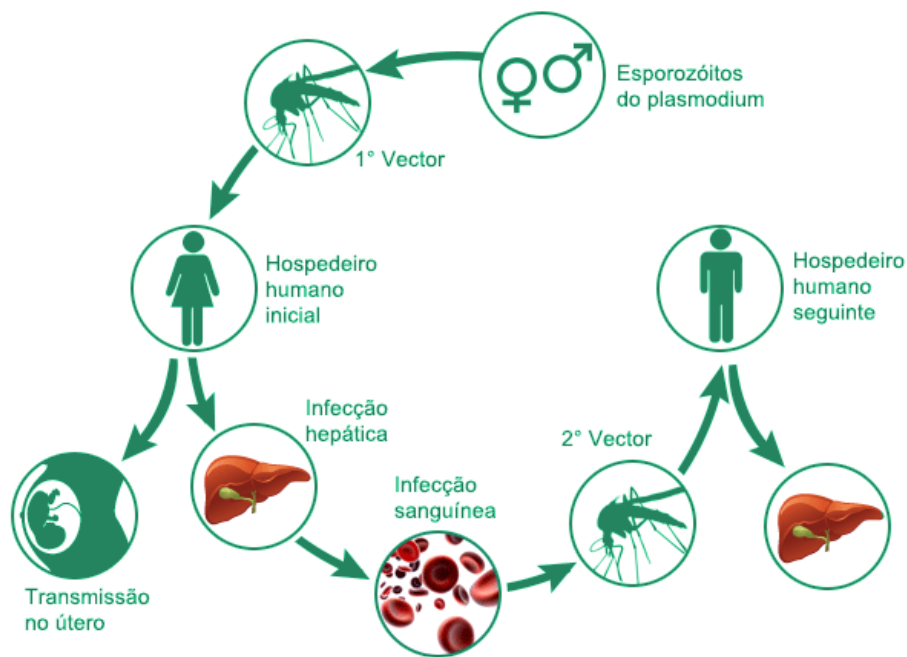
HISTÓRICO

Embora o parasita responsável pela malária falciparum existe entre 50.000 a 100.000 anos, só a cerca de 10.000 anos é que a sua população aumentou, impulsionada pelo desenvolvimento de agricultura e o surgimento das primeiras cidades. A presença dos parentes da malária humana em chimpanzés continua a ser comum. Algumas evidências sugerem que a malária falciparum possa ter origem em gorilas.

A malária pode ter contribuído para o declínio do império Romano onde era uma doença tão comum que chegou a ser conhecida como febre romana. Várias regiões do império eram consideradas de risco devido a presença de condições favoráveis para vectores de malária como o sul da Itália, a ilha da sardenha, as lagoas Pontinas, as regiões baixas da costa Etrurina e a cidade de Roma ao longo do rio Tibre.

A presença das águas estagnadas nas terras alagadas e derivada da agricultura proporcionava aos mosquitos condições ideais de reprodução.

Ciclo de Transmissão da Malária



O termo malária tem origem no Italiano medieval mais arcaico ou mau ares; a doença era anteriormente denominada ague ou febre dos pontinos devido a sua associação com os terrenos alagados.

A malária era comum em grande parte da Europa e da América do Norte onde já não é endêmica embora continuem a ser registados casos importantes.

EPIDEMIOLOGIA

A organização mundial de saúde estima que em 2010 tinha ocorrido 219 milhões de casos de malária que provocaram morte a 600.000 pessoas. Outra fonte estima o número de casos entre 350 e 550 milhões de mortes em 2010, uma subida em relação ao milhão de mortes estimado em 1990.

Os parasitas da malária pertencem ao género plasmódio (filo apicomplexo). No ser humano, a malária é provocada por plasmódio falciparum, P. malarial, P. ovale, P. Vivax e P. Knowlesi.

Entre a população infectada, a espécie com maior prevalência é a P. falciparum 75%, segundo pela Vivax (20%). Embora a P. falciparum seja responsável pela maioria das mortes existem dados recentes que sugerem que a malária P. Vivax está associada a condição que colocam a vida em risco em igual número com infecção por P. Falciparum. A infecção por P. Vivax é, em proporção, mais comum fora de África.

Estão também documentadas várias infecções humanas com diversas espécies de plasmódio de origem símia, no entanto com a excepção de plasmódio Knowlesi, uma especial zoonótica que provoca malária nos macacos. A relevância para saúde pública das infecções é apenas residual.

MALÁRIA EM ÁFRICA

De acordo com o relatório da OMS, África reúne quase 95% de todos os casos de malária. A África subsariana é a região mais afectada pela malária, quase 95% de todos os casos

e 96% das mortes, em seis países da região (Nigéria- 27%, R.D.C - 12%, Uganda - 5%, Moçambique - 4%, Angola - 3,4% reúnem mais da metade de todos os casos registados no globo.

MALÁRIA EM ANGOLA

Estima-se que em Angola existam 3,4 milhões de casos de malária por ano, causadas principalmente por *P. falciparum*, com a transmissão a ocorrer diariamente todo ano, com uma maior sazonalidade no sul do país. Julga-se que a malária é responsável por 35% da mortalidade e 60% dos internamentos hospitalares de crianças com menos de 5 anos de idade e 25% da mortalidade materna. Em 2020 a incidência da doença aumentou em mais de 40% face aos números de 2015 em Angola, que regista também um aumento no número de mortes. Um total de 2.580.388 casos de malária foram diagnosticados em várias unidades sanitárias de saúde espalhadas pelo país durante o primeiro trimestre do ano em curso (2022).

A Malária foi responsável por 35% da procura de unidades correctivas, 20% de internamentos hospitalares, 40% das mortes perinatais e 20% da mortalidade materna e é o principal problema de saúde pública e uma das principais causas de morte, de absentismo laboral, do baixo peso ao nascer, de anemia em mulheres grávidas e de mortalidade materna.

FISIOPATOLOGIA

A infecção por malária se desenvolve por duas fases: Uma que envolve o fígado (fase exoeritrocitaria e a outra que envolve os glóbulos vermelhos, ou eritrócitos (fase eritrocitaria).

Quando um mosquito infectado perfura a pele de uma pessoa para se alimentar de sangue, os esporozoítos presentes na saliva do mosquito penetram na corrente sanguínea e depositam-se no fígado onde infectam os hepatócitos, reproduzindo-se sexualmente e sem haver manifestação de sintomas ao longo de 8 a 30 dias. Depois de um período de dormência no fígado, estes organismos para produzir milhares de merozoítos, os quais, após romperem as células hospedeiras, se introduzem na corrente sanguínea, infectam os glóbulos vermelhos, dando início a fase eritrocitária do ciclo de vida.



O parasita é capaz de abandonar o fígado sem ser detectado, ao se envolver com a membrana celular de célula hepática do hospedeiro. No interior dos glóbulos vermelho, os parasitas se reproduzem novamente também de forma assexuada, rompendo periodicamente as células hospedeiras para infectarem novos glóbulos.

SINAIS E SINTOMAS

Os sinais e sintomas da malária manifestam-se entre 8 e 25 dias após a infecção. No entanto os sintomas podem se manifestar mais tarde em indivíduos que tenham tomado medicamentos anti maláricos de prevenção.

As manifestações iniciais da doença são iguais em todas as espécies de malária, e são semelhantes aos sintomas de

gripe, podendo ainda ser semelhantes aos sintomas de outras doenças virais e condições clínicas como a serpis ou gastroenterite.

Entre os sinais incluem-se dores de cabeça, febre, calafrios, dores nas articulações, vômitos, astenia, anemia, hemolítica, icterícia, hemoglobina na urina, lesões na retina e convulsões.

Os sintomas característicos da malária são, ataques paroxísticos e ocorrência cíclica de uma sensação súbita de frio intenso seguido por calafrios e posteriormente por febre e sudação. Estes sintomas ocorrem a cada dois dias *P.vivax* e *P.ovale* e cada três dias em infecções por *P.maláriae*.

A infecção por *P. Falciparum* pode provocar febre recorrente a cada 36 a 48 horas ou febres normais agudas, mais contínuas.

Os casos mais graves geralmente são por *P. Falciparum*; variante que é muitas vezes denominada “malária falciparum”.

Os sintomas desta variante manifestam-se entre 9 – 30 dias após a infecção.

Os indivíduos com malária cerebral apresentam muitas vezes sintomas neurológicos entre os quais: postura anormal, paralisia do olhar conjugado. (Incapacidade de mover em conjunto os olhos na mesma direcção opistotema, convulsões ou coma).

DIAGNÓSTICO

Devido a natureza não específica dos sintomas, o diagnóstico de malária em regiões onde não seja endémica exige confirmação redobrada e deve levar em conta factores de diagnós-

tico auxiliam como histórico recente de viagens, aumento de volume do baço, febre, número reduzido de plaquetas no sangue e quantidade de bilirrubina no sangue superior ao normal com quantidade normal de glóbulos brancos.

A malária é geralmente confirmada através de exames microscópicos de esfregaço ou através de testes de diagnóstico rápido (TDR), baseada na deteção de antígenos. A microscopia é o método comum na deteção do parasita.

TRATAMENTO

A malária é tratada com medicação anti malárica. A escolha do fármaco depende do tipo e gravidade da doença. Apesar de geralmente serem também usados medicamentos para baixar a febre, a sua influência no tratamento não é ainda conclusiva.

A malária não complicada pode ser tratada com medicação oral. O mais eficaz para a malária por *P. falciparum* é o uso de Artemisina combinada com outros anti maláricos denominada terapia combinada de artemisina ou ACT. A combinação de fármacos diminui as hipóteses de se verificar resistência do parasita a qualquer um dos componentes individuais. Entre os outros anti maláricos com que a artemisina é combinada, estão a amodiaquina; lumefehina, Mefloquina ou sulfadoxina, pirimetemina. Outra combinação recomendada é associação didro-artemisinina piperaquina: A ACT é eficaz em 90% dos casos de tratamento da malária sem a presença de complicações.

Para o tratamento de malária na gravidez a OMS recomenda

o uso de Quinino e Clindamicina no primeiro trimestre e ACT nos restantes trimestres.

O tratamento recomendado para malária grave é a administração intravenosa de fármacos anti malárico. Em casos graves o artesonato é superior ao Quinino, tanto em crianças como adultos.

O tratamento da malária grave envolve medidas de apoio que são melhor realizadas numa unidade de cuidados intensivos onde se possa gerir a febre elevada e as convulsões que dela derivam e outras complicações.

PROGNÓSTICO

Quando tratada de forma adequada, a pessoa com malária pode contar com recuperação total. No entanto a malária grave pode progredir muito rapidamente e provocar a morte num prazo de horas ou dias.

Nos casos mais graves da doença, a taxa de letalidade pode atingir os 20% mesmo com cuidados intensivos.

Têm sido documentados casos de atraso no desenvolvimento a longo prazo de crianças que vivenciaram episódios de malária grave.

PREVENÇÃO

Entre as medidas de prevenção da malária estão a erradicação dos mosquitos, a prevenção de picadas (uso de mosquiteiros, roupas que cobrem as partes do corpo expostas, redes em portas e janelas, o uso de repe-

lentes, drenagem de águas paradas), entre outras medidas.



A presença da malária numa dada região pressupõe a conjugação de vários factores; elevada densidade populacional humana, elevada densidade populacional de mosquitos “anopheles” e elevada taxa de transmissão entre humanos e mosquitos e vice-versa.

Quando um desses factores é reduzido de forma significativo, o parasita irá eventualmente desaparecer dessa região, tal como aconteceu na América do Norte, Europa e parte do Médio Oriente. No entanto, a não ser que o parasita seja erradicado da escala global, caso contrário volta a implantar-se em qualquer uma dessas regiões caso ocorra uma conjugação de factores que proporcionem a sua reprodução. Além disso, o custo económico da erradicação do mosquito por pessoa é maior em áreas de menor densidade populacional.



LEDICE VICTOR FERNEIL (Ludovic)



Filiação:	Victor Ferneil
Data de nascimento:	31 de Julho de 1983;
Naturalidade:	Benguela;
Estado Civil:	Solteiro;
Posto:	Civil;
Peso:	52 kg;
Altura:	1,73 cm;
Números de Filhos:	1;
Habilitações Literárias:	Ensino Superior Curso de Engenharia de Eletricidade Industrial; Engenharia de Eletromecânica; Ensino Médio - curso de Eletricidade Industrial;
Número de Calçado:	41;
Data da incorporação na AMEx:	10 de Fevereiro de 2015;
Função:	Primeiro professor da Língua Francesa, na Cátedra de Línguas;
O que lhe marcou mais durante esses anos na AMEx?	R: A cerimônia de encerramento dos primeiros Oficiais formados aqui. Foi um dia de muitas emoções tanto para nós professores como para os alunos;
Que acontecimento Histórico de Angola foi mais marcante para si?	R: O fim da Guerra Civil. Com a reconciliação nacional , Angola atingiu uma mudança significativa no que tange ao Ensino;
Prato preferido:	Funge com Calulu e feijão de Óleo de Palma;
Frutas Preferidas:	Banana, Melancia, Manga, Laranja, Abacate e Mangostão;
Desporto Preferido:	Ginástica, nadar e Correr;
Clube Preferido:	1 D´ Agosto;
Religião:	Protestante;
Perfume Preferido:	Jaz;
Pecas de Roupas Preferidas:	Fato Sociais para ocasiões especiais, jeans para saídas e Camisas;
Programas televisivo:	Jornal, Debate Político Séries e Documentários;
Cidade Preferida:	Luanda;
Leitura:	Livros Bíblicos (Bíblia), Livros Científicos ligado a literatura Francesa, Romance e Banda desenhada;
País que gostaria de Conhecer?	Canadá;
Conselhos para a juventude que está ou queira ingressar nas FAA?	Ao novos que queiram ingressar terão que ter espírito patriótico para servir a sua pátria e defender o bem-estar do Povo Angolano e que sejam dedicados a essa tarefa e além disso dedicar-se impecavelmente a vida estudantil.

HI NO DA AMEx

“HONRA À UNIDADE NACIONAL”

I

*No coração de Angola Pátria amada
Brotou uma semente poderosa
Academia Militar do Exército
Luzeira da investigação científica
Somos valorosos Cadetes
Amantes da arte militar
Forjados na tática de combate
Unidos na camaradagem*

Refrão [2]

*Com orgulho e bravura
Somos jovens militares
Que ostentamos a nobre Insígnia
Da Academia Militar do Exército*

II

*Vitoriosos a nossa meta alcançaremos
De ser Oficiais do Exército angolano
Em prol da defesa da Nação
Para glória do nosso povo
Em memória dos nossos heróis
Içamos a nossa bandeira
Símbolo da angolanidade
Honra à Unidade Nacional*

Refrão [2]

*Com orgulho e bravura
Somos jovens militares
Que ostentamos a nobre Insígnia
Da Academia Militar do Exército*

LETRA: T. CORONEL - ANTÓNIO JOSÉ MIRANDA





Bairro da Luz, Lobito-Benguela, Angola
www.academiamilitar.ao
[Facebook://academia militar do exército](https://www.facebook.com/academia.militar.do.exercito)

